UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –

PPGE FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TOCAR, AFETAR E SOLTAR

Cléber Andrade da Silva

Rio de Janeiro

2025

Cléber Andrade da Silva

TOCAR, AFETAR E SOLTAR

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Diego de Matos Gondim

Rio de Janeiro

2025

CIP - Catalogação na Publicação

S586t

Silva, Cléber Andrade da
TOCAR, AFETAR E SOLTAR / Cléber Andrade da Silva. -- Rio de Janeiro, 2025.
103 f.

Orientador: Diego de Matos Gondim.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

1. Comunidade de Remanescentes de Quilombo. 2. Educação. 3. Cinema. 4. Afrografias. 5. Oralituras. I. Gondim, Diego de Matos, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Aos 28 (vinte oito) dias do mês de agosto de 2025, às 16h30, com base na Resolução CEPG nº 128/2022, reuniu-se em sessão remota e que foi gravada a Banca Examinadora da Dissertação de Mestrado intitulada **"Tocar, afetar e soltar"**, de autoria do/a mestrando/a Cleber Andrade da Silva, **turma 2023**, candidato ao título de **Mestre em Educação,** do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A Banca Examinadora, constituída pelo Prof. Dr. Diego de Matos Gondim, orientador, pela Profa. Dra. Monica Loyola Stival, (UFSCar - participação por videoconferência) e pelo Prof. Dr. Amilcar Araujo Pereira (UFRJ - participação por videoconferência), considerou a dissertação:

(x) Aprovado ( ) Aprovado com recomendações de reformulação
( ) Reprovado

A banca destaca a relevância do trabalho produzido, evidenciando sua potência enquanto afirmação da participação do quilombo em seus processos de produção de sentidos como sujeitos da pesquisa.

Eu, Diego de Matos Gondim, Presidente da Banca, lavrei a presente Ata que segue por mim assinada, representando todos os membros da Banca Examinadora e o/a candidato/a.

gov.br
Documento assinado digitalmente
DIEGO DE MATOS GONDIM
Data: 01/09/2025 06:09:45-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar a composição de uma escrita de corpos negros, territórios quilombolas e feminino em aquilombamento, a partir de suas imagens. Para tanto, percorri um caminho inverso: retornei ao Quilombo Cruzeirinho, em Natividade-RJ, localizado na RJ-214 – estrada que liga Natividade a Raposo (Distrito de Itaperuna-RJ) –, em busca do reencontro com minhas raízes ancestrais. Fui afetado pelas escrevivências e práticas do cotidiano quilombola, o que produziu, em mim, uma fabulação da escrita aqui apresentada em um "devir-feminino". Esse movimento possibilitou a problematização dos modos de construção de uma metodologia e da produção de dados, implicando na elaboração do roteiro de um curta-metragem. Este, parte central da dissertação, enuncia uma escritura em tela de mulheres negras fundamentais em meu processo de aquilombamento – com seus corpos-útero, guia e horizonte; mulheres cujos sonhos e combates marcam a constituição de corpos de uma memória coletiva e comunitária. Falar desse *corpus* que inspira e impulsiona tem sido, para nós, uma forma de expressar o diverso para além da identidade – por meio de performances, redes, pontes e confluências. Trata-se, portanto, da elaboração de uma epistemologia em que seja possível enunciar, em telas e palavras, aquilo que pode constituir um despacho da escrita de uma dissertação que, em seus devires, vem nos tocar, afetar e soltar.

Palavras-chave: Comunidade de Remanescentes de Quilombo; Educação; Cinema; Afrografias; Oralituras.

Abstract

This work aims to present the composition of a writing of Black bodies, quilombola territories, and the feminine in aquilombamento (a quilombo-centered becoming), through their images. To do so, I took a reverse path: I returned to Quilombo Cruzeirinho, in Natividade-RJ, located on the RJ-214 highway – which connects Natividade to Raposo (a district of Itaperuna-RJ) – in search of reconnecting with my ancestral roots. I was deeply affected by the escrevivências (written-lived experiences) and daily quilombola practices, which led me to a fabulation of writing presented here as a "devir-feminino" (becoming-woman). This movement allowed me to question the construction of methodology and data production, resulting in the script for a short film. This film, the central part of the dissertation, articulates a screenwriting of Black women who were fundamental in my process of aquilombamento – with their womb-bodies, guidance, and horizon; women whose dreams and struggles shape the constitution of a collective and communal memory. Speaking about this corpus that inspires and drives us has been, for us, a way of expressing diversity beyond identity – through performances, networks, bridges, and confluences. Thus, this work elaborates an epistemology that allows us to articulate, through screens and words, what may constitute a despacho (ritual offering) of dissertation writing – one that, in its becomings, touches, affects, and liberates us.

Keywords: Remaining Quilombo Communities; Education; Cinema; Afro-graphies; Oraliteratures.

Lista de Siglas

ACQUI – Associação Quilombo Cruzeirinho

ACQUILERJ – Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEDERJ – Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

EAD – Educação a Distância

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

GEPEN – Grupo de Estudos e Pesquisa Encruzilhadas: Educação, Filosofia e Cosmologias

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PROEX – Programa de Excelência Acadêmica RTDI – Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

Cena I – Introdução 20

Cena II – Elaboração do Roteiro 26

Cena III – Fragmento Metodológico 51

Cena IV – Prólogo 55

I Ato – O aquilombar 59

II Ato – Corpos/territórios, protagonismo feminino 74

III Ato – Crezolina Andrade 76

IV Ato – Juanice Ferreira 87

V Ato – Nalva Ramos 92

VI Ato – Filme: Aquilombamento: tocar, afetar e soltar. 99

VII Ato – (ORÍ)entação e luz no percurso 102

Dedico esta dissertação:
aos Orixás, meu Pai Oxóssi e Entidades da nossa
Umbanda Sagrada,
pelos caminhos e transformações no processo, Laroyê Exú!;
aos meus ancestrais pelas orientações e intuições,
o colo e acalanto nos momentos mais difícieis;
às minhas protagonistas pelas aprendizagens nas confluências em nossos percursos;
à minha mãe Crezolina Andrade (em memória) por acreditar e incentivar na realização
de todas as conquistas, e a maior dela, foi ser seu aprendiz,
seu filho nessa existência.

.

Agradecimentos

A caminhada não foi fácil, desde o ingresso na Universidade. E quem disse que seria? O caminho foi dado, e o prosseguir nessa jornada foi minha fortaleza. Foi possível porque eu nunca caminhei sozinho.

Agradeço aos amigos-irmãos do Quilombo Cruzeirinho pelos muitos risos e dias de alegrias, pelo pique bandeirinha e jogo de queimando, pelos ensinamentos e acolhida materna, ajudando no caminhar sempre de mãos dadas, juntos, nos fortalecendo iguais, dentro ou fora de nosso território.

Agradeço ao meu Pai de Santo Willians e aos meus irmãos de fé pelo apoio, conversas que iluminaram a escrita e preparo de nosso terreiro e filmagens do filme;

Agradeço aos profissionais da Escola Creche Municipal Cruzeiro de Cima e principalmente aos alunos por toda disponibilidade e entrosamento para a produção dos dados;

Agradeço ao Grupo Herdeiros d'Maria por sua resistência e pelo companheirismo constante;

Agradeço a minha amiga Nalvinha, Nalva Ramos, por ter atendido a minha ligação e a partir daquele momento prosseguirmos fortalecidos e fortalecendo;

Agradeço à minha amiga Juanice por todos esses anos de amizade, pelos choros e risos compartilhados que nos fizeram gigantes frente às dificuldades encontradas;

À minha família, por estar sempre perto, segurando minhas mãos e pela compreensão de minha ausência em vários momentos para que eu pudesse realizar minha escrita. Minhas irmãs Jane e Melina, seguir tendo vocês comigo fez eu ser quem sou. Amo vocês. Ao meu sobrinho Bernardo, a gratidão pela oportunidade de aprender tanto, cuidando e sendo cuidado. Te amo;

Aos meus filhos Wesley e Samuel, com quem aprendi, venho aprendendo e tenho a alegria cotidiana de ser pai. Ao meu neto Christopher, o meu cheiro, amor e o desejo de uma vida plena e digna;

À minha amiga Gisela Vargas pela nossa amizade, incentivo e fazer a ponte com sua filha Lívia para que eu pudesse ficar alojado no Rio de Janeiro nos dias de aulas;

Ao grande presente que a ancestralidade me deu, Profa. Mestra Lívia Vargas. Peça fundamental, a acolhida, o ombro para o choro, a escuta. Minha irmã que fez do seu espaço parte de meu território. Amo você;

Á minha família, meus amigos do Grupo de Estudos e Pesquisas Encruzilhadas (GEPEn – UFF/UFRJ), tantas palavras, tantas ideias, todos os olhares para nosso Quilombo Cruzeirinho. Meu agradecimento pela rica experiência e trocas em nossos encontros;

Ao meu Orientador Prof. Dr. Diego de Matos Gondim por sua sensibilidade, orientação e por acreditar e incentivar na produção da pesquisa. Ser uma referência não somente acadêmica, mas também quilombola, por suas conquistas e pesquisas, tornando possível o acreditar nas infinitas possibilidades a serem alcançadas. Gratidão por tanta inspiração.

Antes, com vocês.

Hoje com os mais novos, Aprendendo a esperançar.

Tempo, bendito tempo.

Baila lindo, o tempo. Bailarino a bailar!

Tempo esse espiralar.

Cléber Andrade (10/02/2024)

Prefácio

O que resta da memória quando uma cena se desmancha?

Quantas lembranças!

Tantas imagens percorrem meus pensamentos enquanto os meus olhos passeiam pelo quintal de casa – antes bem arrumado e organizado, hoje em desordem, totalmente revirado devido a preparação dos pedreiros para a reforma. Entulhos que presenciaram e floresceram o ontem, marcando nosso futuro-presente.

Ainda ontem, percorríamos pelo corredor em direção aos fundos da casa – o nosso quintal! Que, mesmo com as marcas das melhorias na estrutura física, ainda preservava os saberes ancestrais utilizados em nosso cotidiano, em nossa vida doméstica. Os vasos com as ervas: alecrim, alfavaca, hortelã-pimenta, manjericão branco, orégano, saião, babosa, guiné, boldo...

Mas, antes de cimentarmos o quintal, produzíamos frutas e verduras para o consumo próprio e compartilhar com parentes, amigos, vizinhos e, lógico, com as crianças do bairro: alface, couve, cebolinha-verde, mamão, manga, goiaba e acerola – esta última produzia o ano inteiro. Colhíamos acerola para o delicioso suco que acompanhava nossas refeições, nossa alegria e desassossego.

Era um tal de gritar: "*Ô tia!*", "*Dona Creuza, me dá uma acerola*".

A criançada já tinha uma estratégia quando não era atendida ao chamar no portão – espertos demais, esses pequenos. Passaram a bater palmas. Com muita força. Feito gente grande. E eram atendidos, com seus olhos abrilhantados e um sorriso-abraço.

Passear pelo quintal e ver, nitidamente em minhas memórias, a alegria que tomava conta de tudo e de todos... Para nós, a casa cheia de crianças – primos mais novos que ainda me chamam de tia – era motivo de grande felicidade, riso e diversão.

Observar o concreto sendo transformado traz à tona, viva na memória, a presença das cores e dos afetos: intactos, prontos a serem acessados. Uma transformação que ocorre em todos os campos da vida – emocional, social, afetivo, financeiro e espiritual. A transformação para o novo, que tantas vezes se manifesta em nossas vidas provocada pela dor e/ou pelo amor.

Transformar. Atravessar. Buscar. Confluir. Fluir. Ser atravessada pelo movimento da vida, reelaborando a maneira, o jeito, as formas de atuar no campo individual e coletivo. Transcendendo. Fortalecendo. E, assim, reverberando em atitudes e afetos.

Um movimento acontecendo em nossas vidas – e é preciso seguir, caminhar...

Forças para prosseguir em meio a esse turbilhão? Sim. Fortalecida pela espiritualidade, pelo cuidado ancestral. Exú – Orixá da transformação, do movimento, da ordenança, da comunicação; responsável pela abertura dos caminhos, intermediador e mensageiro entre os mundos material e espiritual – ordenando a desordem, os entulhos em que me encontrava emocional e estruturalmente, revitalizando-me com seu axé transformador. *Laroyê Exú!* – saudação originária da língua ioruba, comum na Umbanda e no Candomblé, que significa "*Salve o mensageiro*", "*Salve Exú*".

Os Pretos-Velhos, com sua acolhida e ensinamentos, emanam energias positivas, dissolvendo as crostas negativas que nos cercam, trazendo luz ao Orí, para que a caminhada seja realizada com firmeza e sabedoria. Adorei as almas! – saudação ao Pretos-Velhos. Saravá nossa Umbanda!

Falar dos Pretos-Velhos me traz à memória uma das conversas e aprendizados com o Vô Rei Congo de Angola, durante uma gira de Linha Branca[1] no Centro Espírita Vovó Cambina d'Angola, na semana seguinte ao passamento de minha mãe. Dias dolorosos, tentando me encontrar nessa nova rotina, buscando forças, ao mesmo tempo em que era preciso ser 'a força'. Segui caminhando com meu sobrinho para o Centro Espírita. Era sexta-feira à noite. Conversávamos – ele, sempre muito curioso. Tentávamos nos distrair. Era visível o que a dor da perda havia provocado. A voz dele, com um tom grave de tristeza, reverberava em meu corpo e ganhava forma. Meus olhos, submersos em seu oceano ambulante, tentavam conter as ondas de lágrimas que insistiam em banhar meu rosto.

[1] Na Umbanda, associada à Oxalá e espíritos de luz, representando a sabedoria, a cura e a paz. Entidades que trabalham nessa linha: Pretos-velhos, caboclos, boiadeiros, marujos, crianças e outras entidades que trabalham na luz e na cura.

Seguíamos de mãos dadas, vivendo o luto em seu processo transformador.

As cantigas, entoadas do fundo do coração, ecoavam com o toque do atabaque zoando, chamando à espiritualidade... Muitas lágrimas. Um sentimento indescritível de leveza percorria meu ser.

Vô Congo, sentado em seu toco, fazia o '*fumadô'* com seu cachimbo. Ajoelhei-me em reverência, à sua frente:

— Bença, Vô!?
— Pai Oxalá que te abençoi, mia fia – disse ele, segurando minha mão e fazendo o sinal da cruz em meu corpo.
— É, mia fia... as fôias cairam pras bandas do seu casuá (casa)...
— É, Vô – respondi, com a voz embargada junto e uma enxurrada de lágrimas.
— Mãe sua teve aqui pa falá cum Vô, mia fia. Aqui, do meu lado.

Naquele momento, um misto de alegria e surpresa. (E agora, enquanto escrevo, revivendo em memórias, as lágrimas refazem o caminho nas linhas do meu rosto...). A alegria em saber que ela está bem – e que veio pedir ao Vô para falar comigo, para que eu continue cuidadando da família, para que sigamos unidos, firmes.

Vô Congo sempre perguntava por ela. Eu falava de suas dores, e ele me ensinava os chás e banhos para eu preparar. E ela os tomava, mesmo sendo evangélica.

Quando eu demorava a contar sobre a gira da Umbanda na noite anterior, era ela quem perguntava por Vô Congo – queria saber se ele havia mandado recado para ela.

E eu... era o intermediador das conversas.

— Lembra du abraço que te dei na última lua? – disse ele, referindo-se à ultima gira da Linha Branca, anterior ao ocorrido com minha mãe.

Disse isso já me puxando para um abraço.

Sabe aquele lugar onde você suspira fundo e sente a paz? Ali, eu me senti mais protegida... acolhida naquele abraço.

Enquanto me abraçava, disse que ela não haviado sofrido:

— Ela drumiu aqui e acordô lá!

Com suas mãos, em um toque suave, percorreu meu rosto, secando as lágrimas torrenciais que saltavam de meus olhos.

Ela não tava sozinha, nóis tava lá mia fia!

Assim como as linhas dos corpos que me afetaram – e continuam afetando – perpassando nossas vidas, a Linha Branca e Linha Vermelha (linha dos Exús, Pombogiras e Malandros) da Umbanda confluem na minha existência. Uma intimidade com meus guias espirituais, com minha ancestralidade.

O sonho era ter uma cozinha com piso e azulejo até o teto, bem grande, com uma mesa e cadeiras onde todos pudéssemos, juntos, fazer nossas refeições. Quantos cafés da manhã-surpresa de aniversário esse ambiente testemunhou... Almoços, lanches – sempre recheados de muita conversa boa, gargalhada e encantamentos.

Engraçado agora recordar: ao contratar um pedreiro, senhor Bitú, ele chegou para realizar o serviço perguntando pelo servente para ajudá-lo.

— Eu sou a servente!, respondi.

Imaginem o olhar incrédulo dele ao ouvir essa frase. Logo em seguida, pediu que eu fizesse um traçado para o embolso das paredes. Elogios não faltaram ao meu trabalho.

E mais uma vez, sobre o meu corpo negro, recaiu o olhar que julga ser ou não capaz de realizar algo.

Pensei: com toda a certeza, ele acreditou que, por eu ser gay, não teria essa

“habilidade”.

A transformação física do espaço e a permanência do que foi experivivenciado – fortalecido e aquecido no calor do coração.

As paredes, o reboco do embolso, os pisos... foram testemunhas das muitas alegrias e também da nossa grande tristeza.

Tudo amontoado. Um quebra-cabeça sendo remontado nas imagens e nas lembranças. Um cenário em movimento.

Um despacho – não no sentido administrativo, mas espiritual – às divindades das Linhas Branca e Vermelha.

Na verdade, um agrado, uma oferenda à ancestralidade: agradecimentos e pedidos de proteção na caminhada.

Despacho entregue em cenas transformadas, mantendo vivas as lembranças na memória.

Paro na porta e olho para dentro da cozinha – agora já vazia, revirada, com seus entulhos e buracos para a construção das colunas que firmarão o teto da casa.

As paredes já não tem mais o piso branco, grande, que trazia detalhes em alto-relevo: uma xícara branca de onde se esvaia uma fumaça.

Eu sempre a imaginava como se fosse o café de minha mãe – que, por sinal, era o melhor do mundo. No ponto, tanto no doce do açúcar quanto na quantidade certa do pó.

— “Mãe, o café da senhora é tão gostoso... sempre com o mesmo sabor, do mesmo jeitinho. Qual o segredo?”, eu perguntava.

— “Tem segredo não minha filha. É só colocar a medida de água – enchendo a garrafa de café e despejando no canecão de alumínio, usado somente para fazer o café –, sete colheres de açúcar e duas colheres cheias de pó de café. Depende também do tipo de pó de café. Se for dos fraquinhos, tem que colocar mais pó de café. Mas tem que ser com essa colher” – dizia ela, me mostrando enquanto explicava.

Como era bom acordar com o cheiro do café passando pelo coador de pano... Esse era meu despertador: o cheiro do café de dona Creuza.

As paredes descascadas. A pia grande já não está na cozinha. Cenas sendo desfeitas. Olhos marejados re-lembrando momentos e situações que, até então submersas, não me vinham à memória. Agora emerge, sendo re-des-cobertas nas paredes quebradas e sem vida.

Minha mente fervilhava de tanto pensar na reforma da casa. O corpo doía. Coração apertado. Olhos em lágrimas. A respiração não chegava profundamente aos alvéolos dos meus pulmões.

Habitava em mim a inquietação provocada pela perda possível das imagens na memória, já que a imagem física está mudando. Em movimento, como a vida.

Agora, uma nova cena, para outras memórias venham a enriquecer as lembranças.

Transformando memórias.

Minha mãe desencantou no espaço da casa onde passava a maior parte do tempo: a cozinha. Lugar de movimento e transformação (especialmente dos alimentos para o nosso sustento).

Nosso lugar-memória!

Chorosa e, ainda assim, trazendo um sorriso leve no rosto e uma paz no coração, olho para o lugar onde ficava a mesa e re-lembro toda uma vida. O riso solto de Dona Creuza ressoava pelo ambiente, com seus olhos radiantes de felicidade ao ter todos nós em volta de sua mesa, na cozinha.

As cores e o posicionamento das paredes já não são os mesmos. Os cômodos foram replanejados. Mas, em cada lugar, mesmo com toda essa transformação, as memórias permanecem intocadas. Vivas em suas cores, risos, afetos e desafetos, aromas, toques, choros, amores e sabores.

Sigo, assim, na caminhada, fabulando cenas em novos e antigos cenários, ouvindo as imagens-lembranças da minha memória.

— “O que resta de memória quando uma cena se desmancha?”

Esta foi a inquietação que me foi dirigida durante o processo de orientação este trabalho.

Confesso que, apesar de tentar, me inquieta a angústia de não conseguir responder a esse questionamento. Afinal, o que resta?

Esta dissertação de mestrado é uma tentativa de tensionar imagens que ora existem, outrora são fabuladas.

É um exercício para pôr em pensamento imagens que se agenciam na construção de um quilombo enquanto terra e território existencial.

Trata, portanto, de memórias em cenas desmanchadas – as vezes apagadas por ímpetos próprios, outras por interesses externos e coloniais.

Esta dissertação é um despacho. Um cruzar de linhas, tensões... desejos.

É a partir deste lugar de uma escrita imaginada – de uma escrita-imagem – que proponho este trabalho, onde a escrita de uma dissertação se apresenta em tela, como tela, sons, imagens, transições, montagens e desmontagens...

Uma escrita, portanto, que se revela como oportunidade de aquilombar as formas de enunciação da academia e seus modos de se expressar enquanto corpos do conhecimento.

Cena I –

Introdução

Criada no seio de uma família amorosa, que sempre me incentivou a prosseguir com os estudos, participei, no ano de 2002, de um treinamento realizado pela Secretaria Estadual de Saúde, que promovia a participação comunitária e a construção coletiva. A proposta envolvia a comunidade de Cruzeiro de Cima – atualmente conhecida como Quilombo Cruzeirinho – atualmente conhecida como Quilombo Cruzeirinho – em Natividade-RJ, além das Secretarias Municipais de Saúde e de Educação.

Convidadas, juntamente com Juanice Ferreira – líder comunitária do Cruzeiro de Cima – e outras representantes do governo municipal, iniciamos uma jornada de estudos, desenvolvimento de atividades e mobilização em busca de políticas públicas. Essa comunidade teve sua origem ligada à "fuga" de negros escravizados das fazendas vizinhas da região, sendo reconhecida e certificada como Quilombo Cruzeirinho pela Fundação Palmares no ano de 2009.

Enquanto atuava como professora voluntária da Oficina de Iniciação Teatral, por meio do Ponto de Cultura no Grupo Nativo de Teatro, em Natividade-RJ, percebi a importância da educação a partir do fazer teatral. Essa vivência me levou a ingressar no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), pelo Polo CEDERJ, localizado no mesmo prédio que abriga o único anfiteatro da cidade, no Colégio Municipal Alvorada.

Fui selecionada como bolsista no Programa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/UniRio), no Projeto EAD *Território e Trabalhos*, coordenado pelo saudoso Professor Dr. Márcio da Costa Berbat, realizado no município de Varre-Sai/RJ, com turmas em contexto de Educação no/do Campo.

Durante a graduação, em 2015, inscrevi-me no Projeto Cruz Vermelha Viva, da Cruz Vermelha Brasileira, atuando voluntariamente como estudante de Pedagogia em projetos sociais. Logo após, fui contratada como professora e, ao me mudar para a cidade do Rio de Janeiro, assumi o cargo de Coordenadora do Departamento de Juventude da Cruz Vermelha Brasileira do Estado do Rio de Janeiro.

Em 2017, retornei a Natividade para cuidar de minha mãe, cuja saúde estava muito abalada. Foi então que reencontrei nossa líder quilombola, Juanice Ferreira, na praça em frente à Prefeitura Municipal, no centro da cidade. Bastou apenas observar o desânimo que a abatia diante das dificuldades enfrentadas em suas lutas por melhorias e políticas públicas para o Quilombo Cruzeirinho. Nossos olhos se encontraram, marejados, e firmamos, ali, o compromisso de juntas retomarmos as ações e atividades culturais na Comunidade, onde hoje atuo como articuladora de projetos, conselheira e apoiadora da Associação Quilombo Cruzeirinho (ACQUI).

Meu interesse era, de alguma forma, contribuir para o fortalecimento da comunidade quilombola, visibilizando nosso território e demarcando nossa presença física nos espaços públicos de decisão. Ocupar esses espaços era uma forma de demonstrar nossa união e nosso entendimento político, na busca por melhorias coletivas.

Atualmente, integramos à Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro (ACQUILERJ) e temos representação titular no Conselho Municipal de Saúde, no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, no Conselho Municipal do Idoso. Nossa Associação Quilombola ocupa, também, a presidência do Conselho de Acompanhamento e Controle Social do FUNDEB, além de integrar o Conselho Municipal de Educação.

Aproprio-me do entendimento de quilombo, é quando fecho os meus olhos e sinto o cheiro de manga no ar, no correr descalços em brincadeiras pelas estradas de terra e também na vagem de arroz em época de colheita; ficar agachada embaixo do pé de laranja e pés de mangas, me lambusando completamente com o sumo da fruta que se esvaia pelos dedos e cantos da boca, o caroço devolvido a natureza, totalmente branco, raspávamos ele completamente com os dentes; andar pela vargem de plantação, alagada, levando as mudas de arroz para serem plantadas pelos meus avós e tios; ter as pernas cobertas de sanguesugas de tanto andar nos brejos e ribeirões inventando brincadeiras e deliciando com as frutas encontradas pelos caminhos; saber preparar as mudas e plantar o arroz... e ainda sonhar formas com o barro que pegávamos para brincar. O olhar esperançoso e futurístico de Juanice!

A comunidade Quilombola do Cruzeirinho está localizada no município de Natividade-RJ, região semiárida do Noroeste Fluminense. Seu território é cortado pela RJ-214, que liga Natividade ao distrito de Raposo (Itaperuna-RJ), na altura do km 07, próximo à Mata de São Vicente, uma área de reserva ambiental. (Figura 1).

Figura 1: Localização das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro
Fonte:http://1.bp.blogspot.com/ORDFWzVo0xY/UpktvIoDjiI/AAAAAAAACo8/kubgjNSvabk/s640/COMUNIDADES+QU ILOMBOLAS+

Essa comunidade teve sua origem na fuga de negros escravizados de fazendas vizinhas da região. Foi reconhecida e certificada como Comunidade Quilombola pela Fundação Palmares no ano de 2009, sob o número de identidade de quilombola 897 (FCP, 2016). Seu processo de regularização fundiária tramita sob o nº 54180.000993/2007-52, junto à Superintendência do Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária (INCRA), com estudo Antropológico em andamento desde 2007. A população ainda aguarda a titulação fundiária para dar continuidade às etapas subsequentes, conforme previsto no Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTDI), publicado em 23 de setembro de 2014 no Diário Oficial da União.

Como grande parte das comunidades quilombolas do estado e do país, o descaso do poder público, especialmente quanto à escassez de recursos e à desvalorização de sua cultura ancestral. Atualmente, a comunidade abriga cerca de 50 famílias em uma área rural de 62.5433 hectares. Muitos moradores dessa região, ao longo dos anos, mudaram-se para bairros historicamente negros da área urbana de Natividade. (SOUZA; CUNHA JUNIOR, 2019).

As narrativas dos moradores muito valiosas. São mais que descrição: constituem registros ancestrais de uma população que, por décadas, foi silenciada e invisibilizada pela sociedade local. Nesse sentido, torna-se fundamental a afirmação ancestral de suas tradições e cultura, por meio de estudos sistemáticos e da escuta de seu legado histórico, promovendo um diálogo entre a história do passado escravista dos antepassados e a realidade atual da comunidade. Trata-se de um esforço voltado à construção da identidade positiva para as crianças e jovens quilombolas.

Busquei estudar, motivar e realizar ações junto à minha comunidade – e assim também foi ao longo da minha trajetória acadêmica. Compreendia que o meu pré-projeto, vinculado à Linha de Pesquisa Currículo, Ensino e Diferença, cujo tema era Comunidade Quilombola do Cruzeirinho – Natividade-RJ: pertencimento, identidade cultural, fortalecimento, experivivências e práticas curriculares na Escola Quilombola, era de extrema relevância. Por ser remanescente do quilombo, meu interesse era aprofundar conhecimentos e pesquisar novas formas de ensinar, observando, experivivenciando e transmitindo nossos saberes e subjetividades. Almejava fortalecer nossa identidade e promover o diálogo entre os saberes locais e a comunidade escolar em nosso território.

O objetivo era reconstruir a história da Comunidade Quilombola do Cruzeirinho por meio da afirmação de seus valores e saberes ancestrais, rompendo com a invisibilidade histórica. A proposta incluía a análise das narrativas contadas pelos membros da comunidade, o diálogo com a escola local, a reflexão sobre suas práticas curriculares e pedagógicas à luz das políticas públicas voltadas para a Educação Quilombola e a análise do Projeto Político-Pedagógico da escola quilombola, com vistas a compreender se as especificidades da comunidade estavam nele contempladas.

Mas esta é a pesquisa perdida – agora “apagada” no contexto acadêmico, embora ainda viva e experevivenciada nas práticas do nosso quilombo. Foi uma pesquisa que começou em um lugar e se encontrou com o acaso. A partir do meio... construiu uma outra... Tornou-se um memorial de outras memórias, de nossas subjetividades, de nossos corpos-territórios. É a minha pesquisa germinante, que venho encarnando, na qual eu “toco, afeto e solto”.

O título da pesquisa foi pensado a partir de uma roda de conversa com colegas do Grupo de Estudos e Pesquisa Encruzilhadas (UFF/UFRJ), após a realização do II Seminário Quilombola – no Cruzeirinho, quando o professor comentou sobre a observação dos afetos que se expressam sem palavras, a comunicação feita pelos corpos – entre si e com o território; quando cada um em sua função no evento - eu e Juanice - entreolhavamos, nos encostavamos rapidamente e nos soltavamos seguindo em nossas jornadas no território: o tocar, afetar e soltar. A minha prática cotidiana, motivando e instigando aos que estão ao meu redor. Sugeriu que eu fabulasse uma dissertação a partir desse retorno ao quilombo, compreendido como um lugar maternal.

Houve mundanças em meus percursos, provocadas pela inquientação na busca e pelos cuidados com os saberes que me afetaram, e com as práticas que me atravessam. Tenho feito um percurso inverso, pois muitas pessoas saem de seus territórios em busca de algo. No entanto, é preciso dizer que a comunidade não é um lugar de saída, mas *um lugar de retorno*. Eu retorno me (re)encontrando com minhas raízes, territoriais e ancestrais. O fortalecimento e a firmeza do *Orí* são afirmações dos valores e saberes ancestrais, transmitidos pelos guias espirituais na Umbanda. O retorno é um lugar materno, de afeto e acolhimento. O Quilombo é um lugar de útero. Retorando ao útero de minha mãe. E a união de todos esses úteros é um território que se espalha.

Nas orientações e leituras, experienciei a re-descoberta de ser um corpo-território e senti a necessidade visceral de retornar ao território ancestral – meu retorno para dentro de mim, para dentro do quilombo território. O quilombo-útero. Para que, de fato, houvesse o entendimento e a compreensão deste corpo e sua representatividade.

Fui afetada por mulheres de nossa comunidade que me impulsionaram – que nos impulsionam –, estimulando sonhos e fortalecendo a construção de nossa identidade. Mulheres capitulares, que apresento nesta dissertação de escritas-imagens. Uma escrita viva, performática, que nos acompanha pelos territórios, (trans)formando e editando; elaborada afetuosamente nas trocas, nos olhares, nas muitas lágrimas de dor/prazer que permeiam nossas vidas, a partir das performances que tocam, afetam e soltam.

Protagonistas, referências, potências que influenciaram meu processo de reconhecimento enquanto mulher negra, no sentido do pertencimento..., meu aquilombamento: Juanice Ferreira, nossa líder quilombola; Nalvinha, nossa Mestra Jongueira Nalva Ramos; e minha mãe, Crezolina Andrade, conhecida como Dona Creuza. Corpos negros femininos, corpos-territórios-quilombo, aqui re-tratadas e visibilizados em suas subjetividades e formas de atuação no palco da vida, performando saberes, práticas e afetos pelos territórios – com o coletivo e no individual. Repassando os ensinamentos em palavras-imagens- performances, vivenciadas e compartilhadas em nosso cotidiano. Moventes nas espirais do tempo e nos devires da memória, no despertar dos cheiros, toques, olhares, gestos e sabores. Um verdadeiro memorial de nossas memórias.

Me encontro nas entrelinhas das escritas-imagens desta dissertação- memorial de outras memórias. Uma escrita em/na tela, de corpos negros em campo que produziram os dados e protagonizaram o filme em finalização, com o título “Aquilombamento: tocar, afetar e soltar”. Trazendo em tela a história dessas protagonistas e da personagem Francisco (que é um pouco de cada uma de nós, transatlântico), que sai em campo buscando entendimento, seu reconhecimento e pertencimento – seu aquilombamentos –, re-encontrando suas raízes. Um corpo-tela que se despe do pensamento engessante e colonizador e se reinscreve a partir do encontro com sua ancestralidade; um corpo-território que dialoga com as protagonistas do filme, tocando, afetando e soltando, confluindo e reverberando com e pelos territórios-quilombos.

Com este trabalho, proponho pensar a composição de uma escrita que apresente a Comunidade Quilombola Cruzeirinho a partir de suas imagens. Fabulei um memorial; elaborei o roteiro do filme; produzi dados; registrei em imagens o corpo, território, quilombo – encarnando, nas escritas-imagens, o quilombo. Em uma metodologia performática, repleta de signos e significados, onde o corpo toca e os olhos se encontram para além da retina. Onde me dobro e sigo desdobrando o campo da existência e conceituo na própria existência. Um *continuum*, uma reverberação no ‘tocar, afetar e soltar’, com minhas protagonistas, pelos territórios.

Cena II –

Elaboração do roteiro e filmagens

Desde a infância, convivo com narrativas diversas relacionadas às questões raciais e aos preconceitos. À medida que ampliava meu percurso estético e acadêmico, tornava-se cada vez mais evidente a preocupação com essas questões. Em todo tempo, lutamos diariamente contra as correntes políticas coloniais, contra as forças que insistem em manter nosso povo preto – nossas identidades, culturas, performances etc. – na invisibilidade, afastando dos espaços sociais, educacionais, culturais e políticos.

Essas reflexões e perspectivas sobre o 'corpo negro' e nossas subjetividades, fundamentadas nas vivências, nas práticas cotidianas e nos conhecimentos acadêmicos adquiridos, me instigam a ampliar meu campo de informações e saberes. Carregamos as marcas da experiência que conduz nossa memória.

Um corpo fanoneônico (2008) , regido pela inquietude de saber e viver... Um corpo curioso e questionador, relacionando os corpos-territórios-quilombos com as epistemologias afrodiaspóricas, pensando os corpos femininos e o quilombo pelas imagens.

Referindo-me aos modos de fazer desses corpos-territórios em seus saberes, práticas cotidianas e compreensões de mundos que vão além daqueles que nos foram apresentados sob uma ótica eurocêntrica – o que possibilita um pensamento descolinizado.

Em meio às leituras indicadas por meu orientador, vislumbrei a proposta da minha pesquisa, compreendendo os corpos negros e o aquilombamento ocorrido pessoalmente. Surgiu então o desejo de uma escrita de dissertação que reelaborasse narrativas e abordagens, trazendo novos sentidos e formas construtivas do ser negro, em uma *escrevivência*, contribuindo com o que ja foi pautado por grandes intelectuais negras(os), como Conceição Evaristo e Beatriz Nascimento.

Em meu Orí, havia o pensamento constante para registrar o cotidiano do quilombo, especialmente momentos específicos em que moradores mais idosos compartilham seus saberes ancestrais – oralmente e nas práticas diárias. Pensar

nisso me trazia brilho nos olhos e uma sensação de alegria e acalanto no coração.

Certa noite, enquanto alinhava minhas leituras para apresentar ao meu Grupo de Pesquisa, Juanice me enviou o Edital de Incentivo à Cultura da Lei Paulo Gustavo, pela Prefeitura de Natividade-RJ. Ela disse apenas uma coisa: “Amiga, vê aí o que você pode fazer por nós. Sei que o tempo tá pouco, que você deve está atarefada com seus estudos. Mas vê se você pode dar uma ajudinha pra gente movimentar o quilombo!”.

A leitura rápida dos editais, o desespero diante do tempo curto – poucas horas para pensar algo. Precisava enxergar possibilidades em meio às grandes turbulências da vida. Um misto de alegria inebriante e tristeza profunda, pois tínhamos poucas horas para entregar a proposta de projeto. Tantas ideias em mente... e, no fim, a inscrição de duas propostas.

A primeira foi a inscrição para a produção de um documentário cultura, com o objetivol de visibilizar a história, as culturas e as tradições da comunidade – algo de extrema importância para o fortalecimento das tradições e da identidade cultural junto às nossas crianças, desde os maios novos até os nossos anciões, possibilitando um autorreconhecimento em suas subjetividades e sentidos de pertencimento. Em conformidade com Beatriz Nascimento (2018, p. 38), buscava afirmar:“a terra é o meu quilombo. Meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou eu estou. Quando eu estou, eu sou.”

A ideia surgiu a partir das minhas experivivências e práticas no Quilombo Cruzeirinho, retratando seu cotidiano, suas práticas diárias, sua oralidade. O título inicial foi: “Aquilombamento, performance estética do corpo negro: ‘Onde eu estou, Eu Estou. Quando eu estou, Eu Sou’”. O objetivo: retratar os aquilombamentos na e para a formação dos corpos negros, partindo do reencontro ancestral e a performance desse corpo espiralar em sua construção epistêmica, social, política e educacional.

A inscrição para a produção de um curta-metragem, enquanto projeto pessoal, foi feita em tempo, onde fui contemplado com um financiamento de R$ 11.367,00. Mas uma angústia que me tomou ao final da escrita. Elaborei minha proposta... e o meu povo quilombola? Não poderia deixar minha comunidade sem um projeto.

Era urgente elaborar algo que beneficiasse meus irmãos quilombolas e nossa comunidade. Faltavam menos de duas horas para o encerramento das inscrições.

Foi neste momento que pedi clareza à espiritualidade – que meu Orí fosse intuído e iluminado para elaborar uma boa proposta. Rapidamente surgiu a ideia para concorrer na categoria de apoio à realização de cinema intinerante ou cinema de rua. Assim nasceu o Projeto *Cinema no Quilombo*.

Um referencial visual para o fortalecimento comunitário, diante da carência de um espaço voltado às artes, possibilitando experiências que transcendam o território geográfico. O projeto levou a experiência do cinema até os moradores, afirmando nossa comunidade, permitindo acessibilidade e projetando filmes de diferentes estilos e gêneros – oportunizando o contato com a sétima arte para muitos quilombolas que jamais haviam tido a oportunidade de ir à uma sala de cinema.

A proposta permitiu o engajamento com a linguagem cinematográfica, com o objetivo de levar alegria e diversão aos moradores, mobilizando-os e articulando ações por meio do cinema como ferramenta central. O projeto também promoveu, mediou rodas de conversa, contextualizando os temas dos filmes com as experiências do público presente. O valor aprovado foi de R$ 18.188,32 para aquisição de equipamentos e execução da proposta.

Em dezembro de 2023, os dois projetos foram aprovados e financiados. Caminhos se abriram. Estava ORÍentada pela ancestralidade, com a certeza de estar no ‘rumo certo’. Imediatamente entrei em contado com Prof. Dr. Diego para apresentar a ideia da produção de um filme que pudesse integrar minha dissertação de mestrado, aproveitando o financiamento conquistado pelo Edital de Cultura. Nele, atuei como Agente de Cultura, roteirista, diretora, cenografista, figurinista, produtora, atriz e assistente de edição. O processo contou com trocas potentes entre os integrantes do meu grupo de pesquisa e a mediação do nosso orientador.

A proposta foi apresentar na tela a performance social e o aquilombamento da mulher negra, tendo como personagem principal Francisco, um corpo-tela despido das “verdades” eurocentradas, em busca de sua identidade enquanto corpo negro.

O nome Francisco foi inspirado na história real de um homem preto que conheci na minha casa de Umbanda. Morador de comunidade, desde pequeno ajudava quem precisasse. Seu sonho era poder ajudar mais quando fosse “grande”. Viveu do que *a terra dava e do que ela queria*[2], sendo o campo a sua escola.

Já homem feito, contribuía no que fosse possível, aprendeu o ofício de pedreiro e pintor. O sonho de estudar ainda o habitava, mas não teve oportunidade. Não sentia pertencente ao que lhe era oferecido na escola. Era chamado de “cabeça dura”. Ogã em uma casa de santo, seu toque no atabaque era repleto de axé. Buscou seu lugar no mundo – se perdeu pelos rumos e voltas que o mundo dá, como tantos Franciscos. Separou-se da família, e conheceu na pele o ‘destino’ traçado socialmente para os negros, principalmente àqueles que habitam os territórios periféricos. Foi preso. Um entre tantos pretos presos, pois para o sistema “somos todos parecidos fisicamente”.

Só ele sabe o que fez com a sabedoria e os conselhos ancestrais. Retomou os estudos, e até hoje segue buscando seu pertencimento. De tempos em tempos, vai à casa de santo, alegra os guias espirituais com suas cantigas e seu toque de atabaque sagrado. Quando não está presente, deixa saudades nas giras. É lembrado nos pontos entoados, nos conselhos dos guias espirituais, nas vozes dos médiuns. Como diz a cantiga: “a Umbanda é boa pra quem sabe trabalhar”.

O “ser preta” no campo individual e coletivo. A reconexão com o território – por pertencimento e por conhecimento ancestral. A trajetória de Francisco também é minha. É performance desta pesquisadora nos territórios. São histórias e caminhos que refletem as vidas de Pedros, Antônios, Marias, Jaciras, Jorges, Creuzas, Graças, Ritas...

Foram muitos os dias de trocas e conversas sobre o que registrar nas telas e como elaborar um roteiro cinematográfico. Uma novidade para mim. Já tendo atuado como atriz, eu conhecia um pouco das movimentações de câmera, mas sentia necessidade de alinhar maior o documentário com minha dissertação. Assim, o título do filmes mudou para: “Aquilombamento: tocar, afetar e soltar”.

---

[2] Paráfrase do livro *a terra dá, a terra quer*, de Antônio Bispo dos Santos (2024).

Com o roteiro construído e discutido com o grupo de pesquisa após o primeiro tratamento, o Prof. Diego sugeriu uma reunião com sua colega Isadora Maria Torres[3], cineasta de Rio Claro, interior de São Paulo, que nos atendeu com generosidade, parabenizou o roteiro e contribuiu com sugestões fundamentais para as cenas e sequencias descritas.

Após o segundo tratamento, demos início à produção dos dados, construindo a planilha com os dias, horários e locais de gravação de forma a respeitar as rotinas dos envolvidos e dos espaços de filmagem.

O roteiro do filme, parte integrante deste trabalho em escrita e imagem, foi elaborado segundo as normas técnicas e a linguagem do cinema. Diferente das convenções rígidas da escrita acadêmica, que muitas vezes sufocam a sensibilidade, achatam a experiência e afastam o corpo da palavra, o roteiro aqui se afirma como uma escrita viva, visual e performática. Optar por manter sua formatação original é, também, um gesto político e estético: trata-se de reivindicar outras formas de narrar, de registrar e de conhecer – formas que reconheçam a potência da imagem, do gesto, do som e da presença como modos legítimos de pensamento. A linguagem acadêmica, por vezes, busca aprisionar o saber em moldes universalizantes; aqui, escolhemos deixá-lo escapar, tocar e afetar.

[3] Isadora também é diretora de som e fundadora do estúdio Som de Black Maria, tendo sido premiada em diversos festivais de cinema nacionais e internacionais.

Aquilombamento, “tocar, afetar e soltar”
– Roteiro de curta-metragem –
2° Tratamento

Aquilombamento, “tocar, afetar e soltar”

Um roteiro
de
Cléber Andrade

Copyright by Cléber Andrade 2024
Todos os direitos reservados

cleberandradenat@gmail.com
(22) 98838-2531

TELA PRETA:

SOM, ruídos e ambiência, com aceleração diferenciada. No terreiro de umbanda, no quilombo, na cidade. Com faixa sonora sobreposta por outra.
SOM do silêncio no Quilombo Cruzeirinho e do trânsito na cidade.
Imagem comum de uma noite no Quilombo, onde o silêncio é atravessado por uma cena corriqueira no Bar.

CRÉDITOS INICIAIS:

TÍTULO: "Aquilombamento, tocar, apertar e soltar",
re-começo e proliferação

SEQUÊNCIA 1. CENTRO DE UMBANDA. INT. / NOITE/ LUZ AMBIENTE

CENA 1
Saída da Tela preta inicial.
Inicia imagem em Plano fixo dos médiuns em semicírculo e os assistentes sentados nos bancos. EM SILÊNCIO. A imagem vai desvanecendo como fumaça.

PLANO 1.1
Transição da tela escura para o SOM e imagem, bem próxima, das mãos batendo palmas.

(Corte FADE OUT)

PLANO 1.2
Ogã batendo o atabaque.
SOM DO ATABAQUE, filmar o chão do terreiro. Filmagem em plano alto focando as mãos do Ogã nas batidas do atabaque e pegando a imagem do atabaque e do chão do terreiro. Diminuindo o som e desfocando a imagem do chão do terreiro.

(Corte INVISIBLE CUT, desfocando a imagem do chão).

PLANO 1.3
SOM. Desfocando a imagem aparecendo as mãos batendo palmas e Ogã batendo o atabaque.
Passagem som das palmas para entoação de um ponto.

(Corte INVISIBLE CUT).

PLANO 1.4
(Plano baixo) SEM SOM. Imagem desfocada do Francisco no chão, de joelhos, batendo a cabeça. Gira em torno do Francisco e desfoca a imagem até que aparece a cabeça do ator no chão, como quem está praticando uma geofagia.
Neste momento, a imagem do terreiro de fundo toma um lugar de desfoque, enquanto o exercício de devorar a terra ganha cena. Deixar a cena mais lenta, intercalando o ato de bater cabeça em diferentes ângulos com imagens do terreiro, atabaque e fumaça que sobe do incensário e voltando o foco ao Francisco.
Filmar com câmara no chão pegando todo o chão do terreiro, incluindo os pés dos presentes, o Francisco no ato de geofagia.
Obs: Com a câmara no chão, a partir da porta, entra em cena todo o terreiro, pegando ao fundo todo o Gongá e dando um sentido de imensidão e infinidade, de modo que o terreiro se materializa como uma superfície oceânica.

(Corte INVISIBLE CUT)

SEQUÊNCIA 2. Mata de São Vicente. EXT. / DIA/ LUZ AMBIENTE

CENA 2
Francisco correndo nú descalço pela trilha da mata.

PLANO 2.1
Imagem dos pés do Francisco correndo nú, pela trilha, como se estivesse em fuga, rápido, sedento. Desfocando imagem dos pés para seu corpo, ao passar pela câmara. Personagem despido das 'verdades' eurocentradas, um corpo-tela buscando seu registro identidário enquanto um corpo negro. O ser negro no campo individual e/ou coletivo. A reconexão com o território, em seu pertencimento e por seu conhecimento ancestre.

PLANO 2.2
Retorna para imagem dos pés do Francisco caminhando pela mata, mais tranquilo, passos firmes, decidido, integrado ao ambiente. Ao fundo os sons da natureza/ambiente.

Corte CUTAWAY –

SEQUÊNCIA 3. PRAÇA DO QUILOMBO CRUZEIRINHO. EXT. / DIA/NOITE LUZ AMBIENTE

CENA 3
Capturar imagens do cotidiano do Quilombo: imagem e SOM
NOTURNA – O anoitecer no quilombo
Em plano aberto a focar a movimentação da praça e bar da Roberta,
DIURNA – O amanhecer no quilombo
Em plano aberto do amanhecer no Quilombo, sua movimentação

matinal, as chegadas e partidas. Sentido de movimentação, circulação, vivacidade.

PLANO 3.1
Diurna no cotidiano Quilombo

PLANO 3.2
Anoitecer no Quilombo

PLANO 3.3
MOMENTO LUMIÈRE. Câmera parado em ponto fixo, capturando a imagem do transporte dos alunos chegando; os alunos descem e o veículo segue seu caminho.

CORTE SECO

SEQUÊNCIA 4. COZINHA DA ESCOLA DO QUILOMBO CRUZEIRINHO. INT. / DIA/ LUZ AMBIENTE

CENA 4
SONS E IMAGENS DA COZINHA.

PLANO 4.1
Capturando a imagem de dentro da panela num plano fechado e fixo, com a colher em rápido movimento. O som da colher que se mexe é o próprio corte.

PLANO 4.2
Plano aberto, como foco em uma cozinheira e as ajudantes trabalhando de fundo e ao lado. Câmera se afaste de forma que enquadre a ação da cozinha e o Francisco interagindo com as crianças no refeitório, que estão ajudando no preparo de sua refeição/lanche. Uma cozinha espira-lar, viva, integr-ativa, ancestral, com-tempo-rânea, per-formática.

Corte MATCH CUT
(cenas distintas com imagens semelhantes)

SEQUÊNCIA 5. COZINHA DA CASA DE JUANICE-QUILOMBO CRUZEIRINHO INT/EXT. / DIA/ LUZ AMBIENTE

CENA 5
SONS E IMAGENS DA COZINHA.

PLANO 5.1
Plano Aberto em toda a cozinha da Juanice, de modo que todo lugar se mostre como um imenso espaço aberto e de transição.
Uma criança, sentada no chão, brinca com algum brinquedo que lhe é familiar.

PLANO 5.2
Corte direto para o roto de Juanice, em plano fechado direto que recorta apenas seus olhos (ensaiar cena olhando para o quintal através da janela da varanda).
Ao fundo, som e passagem de pessoas e crianças que entram e saem constantemente, reafirmando o espaço como lugar de passagem.

PLANO 5.3
Atravessando a passagem do plano anterior para este, som de lenha estralando conduzindo este plano para o fogão a lenha. Juanice aparece no plano cortado, cozinhando e caminhando pela cozinha, como quem estivesse indo e vindo em busca de algum tempero ou panela.

PLANO 5.4
Francisco sentado na mesa da varanda com seu bloco de anotações, enquanto observa detalhes nas performances de Juanice em suas práticas na cozinha, conversam sobre as atividades dos Projetos em execução da Associação Quilombola.

Corte MATCH CUT
(cenas distintas com imagens semelhantes)

SEQUÊNCIA 6. COZINHA DE DONA CREUZA (MINHA MÃE) – BAIRRO TUBIACANGA - NATIVIDADE INT/EXT / DIA/ LUZ AMBIENTE

CENA 6
SONS E IMAGENS DA COZINHA.

PLANO 6.1
Câmera em movimento, minha mãe caminhando em direção ao fundo do quintal, os cachorros acompanhando/brincando.

CORTE SECO

PLANO 6.2
Foco nas mãos pegando folhas de alfavaca e hortelã pimenta para o tempero do almoço.

CORTE SECO

PLANO 6.3
Foco nas de mãos de Francisco socando o alho com um pouco de sal em um pequeno pilão, que ainda utiliza, presente de seu casamento.

CORTE SECO

PLANO 6.4
Plano médio, minha mãe caminha entre a pia da cozinha e o fogão.

CORTE SECO

PLANO 6.5
Foco aberto, em todas as panelas com comida: o angu cozinhando, a verdura pronta e fechando foco na panela com banha de porco que vai derretendo, acompanhar movimento das mãos retirando o alho do pilão e colocando na panela, mexendo com a colher e colocando o feijão com uma concha.
A imagem vai se desfocando assim que a fumaça sobe.

Corte MATCH CUT / SECO

SEQUÊNCIA 7. Locação na cidade do Rio de Janeiro – UFRJ-Urca EXT / DIA/NOITE LUZ AMBIENTE

CENA 7 – cenas rápidas
Trajeto realizado por Francisco do Quilombo à UFRN-URCA

PLANO 7.1
NOTURNA – Francisco com bolsa de viagem embarcando em ônibus, para o Rio de Janeiro, no Quilombo Cruzeirinho.

PLANO 7.2
DIURNA – **Francisco caminhando por rua movimentada na cidade do Rio de Janeiro, em direção à Universidade.**
Passagem tempo, foco em Francisco embarcando em ônibus, câmara em movimento como o olhar de Francisco descendo do ônibus e se direcionando ao metrô. Câmara parada, foco em Francisco, imagem do trem chegando, Francisco embarcando e trem partindo.
PLANO 7.3

DIURNA - **Em plano fechado, Francisco em frente para a entrada do Campus olhando para a fachada e demonstrando contentamento.**
Em plano aberto a entrada da UFRJ.

Corte Seco

SEQUÊNCIA 8. Caxambú 'Herdeiros D'MARIA. EXT / DIA/ LUZ AMBIENTE

PLANO 8.1
Plano filmando os integrantes rodando aparecendo somente as abas das vestimentas e os pés.

CORTE SECO

PLANO 8.2
Plano aberto de frente, Francisco e os demais jongueiros lado a lado, abraçados, agradecendo a plateia como em apresentação teatral.

CORTE PARA O PRETO

FIM

CRÉDITOS FINAIS

Elenco
Cléber Andrade (Francisco)
Crezolina Andrade da Silva
Juanice Ferreira Vicente
Nalva Ramos

EQUIPE TÉCNICA:
Coordenador Geral: Prof. Dr. Diego de Matos Gondim
Diretor: Cléber Andrade
Assistente de Direção: Jô Ramalho
Diretor Executivo: Loiane Cristian de Sousa
Produção: Jô Ramalho
Direção de Arte: Cléber Andrade
Diretor de Fotografria: Sylvio Ferraz
Roteirista: Cléber Andrade
Supervisão: Grupo de Estudos e Pesquisa Encruzilhadas: Educação, Filosofia e Cosmologias (GEPEN)

AGRADECIMENTOS:
Centro Espírita Filhos de Vovó Cambinda d'Angola, Natividade-RJ
Associação Quilombo Cruzeirinho, Natividade-RJ
Escola Creche Municipal Cruzeirinho de Cima
Associação Herdeiros D'Maria, Natividade-RJ
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFRJ)
Grupo de Estudos e Pesquisa Encruzilhadas: Educação, Filosofia e Cosmologia (GEPEN)

Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desportos
Prefeitura de Natividade

Em especial àquelas que nos aquilombam e fazem reverberar em nós, em performances, suas potencialidades, através de suas epidermes epistêmica: Minha mãe Crezolina, Juanice e Nalvinha.

FINANCIADO PELA LEI PAULO GUSTAVO/2023

CENÁRIOS E FIGURINOS

CENA 1

Casa de Santo iluminada, Gongá com velas e flores, incensos pelo ar. Preparação para defumação. Visitantes com roupas comuns, descalços, sentados no banco. Ogã com roupas brancas, guia no pescoço, de pé, atrás dos atabaques. Os filhos de santo em semicírculo vestidos com suas roupas de santo. Homens de um lado e mulheres de outro.

 # Figurinos:

- Francisco: Descalço, calça e camisa branca, toalha branca, guias de santo.

- Ogã: Descalço, calça e camisa branca, guia atravessada.

- Filhos de Santo: Roupas de Santo, descalços e guias no pescoço.

CENA 2

Trilhas na Mata de São Vicente.

 # Figurino:

- Francisco: Descalços, bermuda clara e camisa amarela

CENA 3

Praça do Quilombo Cruzeirinho. Câmara acompanhando o cotidiano da comunidade em dois momentos: manhã e anoitecer.

CENA 4

Cozinha da Escola Quilombola, em sua organização atual. Refeitório onde são realizadas as refeições.

 # Figurinos:

Cozinheiras e ajudantes cozinha: uniforme da unidade escolar;

Crianças: Roupas do seu cotidiano.

Francisco: Calça jeans, tênis, camisa bem colorida estampada.

CENA 5

Cozinha da casa de Juanice, panelas no fogão a gás. Preparando um fubá suado. Fogão a lenha com panelas também cozinhando. Uma mesa grande na varanda com algumas cadeiras. Brinquedos diversos de criança na varanda (bicicleta, bola, brinquedos artesanais). Duas crianças sentadas brincando e interagindo com os presentes.

Figurinos:

Juanice: vestido, avental colorido, lenço/chapéu prendendo os cabelos, pano de prato no ombro.

Crianças: short, camisa/camiseta, descalços.

Francisco: Bermuda, camiseta branca, boné e tênis

CENA 6

Cozinha da casa mãe Francisco. Mesa grande na cozinha. Geladeira ao lado da pia da cozinha, fogão encostado na parede em frente a pia. Panelas no fogão. Vasilha com banha de porco e o pilão em cima da pia com algumas cabeças de alho ao lado e outras já descascadas dentro do pilão. Vasilhame com banha de porco em cima da pia. Panela de angu cozinhando no fogo. Pano de prato no vidro do fogão recostado na parede da cozinha. Pratos e alguns copos e talheres no escorredor em cima da pia.

 # Figurinos:

Dona Creuza: Cabelos presos em duas tranças. Brincos nas orelhas. Relógio no braço. Camiseta rosa e bermuda bem leve, caminhada. Toalhinha jogada no ombro.

Francisco: Camiseta verde, short azul escuro e descalço.

CENA 7

Plano 7.1

Praça do Quilombo, ônibus parando e Francisco embarcando.

 # Figurino:

Francisco: Calça jeans, tênis, blusa de frio, e uma bolsa de viagem.

Plano 7.2

Rua movimentada e trânsito da cidade do Rio de Janeiro,

próximo à UFRJ/Urca.

 # Figurino:

Francisco: Tênis, bermuda, mochila/bolsa pequena, camisa bem colorida, óculos.

CENA 8

Quintal da casa de Nalva Ramos

 # Figurino: TODOS com uniforme do Grupo Caxambú Herdeiros D'Maria

LOCAÇÕES

Cena 1 – Centro Espírita Vovó Cambina d'Angola. Parque Lajinha, Natividade.

Cena 2 – Mata de São Vicente, Quilombo Cruzeirinho. Quilombo Cruzeirinho/Natividade-RJ.

Cena 3 – Praça do Quilombo Cruzeirinho. Quilombo Cruzeirinho/Natividade-RJ.

Cena 4 – Cozinha e refeitório da Escola Quilombola. Quilombo Cruzeirinho/Natividade-RJ.

Cena 5 – Cozinha e Varanda da casa de Juanice. Quilombo Cruzeirinho/Natividade-RJ.

Cena 6 – Cozinha da casa de Dona Creuza. Bairro Tubiacanga, Natividade-RJ.

Cena 7 / Plano 7.1 – Praça Quilombo Cruzeirinho/Natividade-RJ.

Cena 7 / Plano 7.2 – UFRJ/Urca – Rio de Janeiro.

Cena 8 – Casa de Nalva Ramos. Bairro Cantinho do Fiorello, Natividade-RJ.

Gravações Cenas
(Cinco dias de filmagens)

- **1° DIA – Centro Espírita / Natividade (sexta-feira)**

Noite - Cena 1 – início as 17 horas

- **2° DIA - Quilombo Cruzeirinho**

Manhã – cena 3 (amanhecer quilombo)
- Plano 3.1 (momento Lumiére)

Tarde – cena 2 (corrida e caminhada pela mata**)**

Noite – cena 3 (anoitecer quilombo)
- cena 7 / Plano 7.1 (Embarque no ônibus para o Rio de Janeiro)

- **3° DIA – Quilombo Cruzeirinho**

Manhã – cena 4 (cozinha escola quilombola)
- cena 5 (cozinha da casa de Juanice)

- **4° DIA –Natividade (sábado)**

Manhã – cena 6 (Cozinha de Dona Creuza). Local: Tubiacanga

Tarde – Cena 8 (quintal da Nalva Ramos). Local: Cantinho do Fiorello

- **5° DIA – Rio de Janeiro**

Diurna – cena 7 / Plano 7.2. Local: rua frente à UFRJ/Urca e frente do prédio principal da Universidade.

Autorização de uso de imagem pronta e contatos realizados com a locação das filmagens e com os participantes da produção. Seguimos, então, para o primeiro dia de gravação no Quilombo Cruzeirinho. Era o amanhecer e as crianças chegavam à escola. Gravamos o *Minuto Lumière* – câmera fixa capturando a imagem a chegada do ônibus, a movimentação das pessoas e a partida do veículo – – recurso aprendido durante o mestrado, na disciplina “Cinema e Educação”, com a Prof. Dr. Adriana Fresquett (UFRJ).

As crianças, ansiosas para participar do filme; as cozinheiras, já a postos, preparavam a cozinha. No refeitório, as crianças com avental e touca feita de tecido TNT azul. Ajeitamos as mesas e os bancos do refeitório. Sentamo-nos juntos para conversar sobre o Projeto do qual fazem parte – onde ajudam a preparar o próprio alimento saudável que consomem. As cozinheiras e os sons que vinham da cozinha, o chamado para filmar... a gordura estava quente: era hora de jogar o frango na panela.

O cheiro!?, indescritível!

Com o alimento pronto, a personagem/pesquisadora transitava entre as crianças e a cozinha, entre sabores e saberes que se entrelaçavam no espaço-tempo, sobre o chão batido do terreiro da Escola.

Arquivo pessoal: Imagem produzida com alunos da Escola Creche Municipal Cruzeiro de Cima, no Quilombo Cruzeirinho, para o filme “Aquilombamento: tocar, afetar e soltar. Re-começo e proliferação.”

Combinamos para o sábado a realização das filmagens com Francisco na mata de São Vicente, localizada no Quilombo, e a pesquisadora em dois momentos: ao lado de Juanice e em sua cozinha, durante o preparo do almoço – quiabo fresquinho, angu, arroz, feijão e costelinha de porco. A equipe de produção saiu bem cedo rumo ao quilombo, para aproveitar a luz da manhã nas filmagens dentro da mata.

Confesso que já estava ansiosa desde a escrita da cena da personagem na mata. A preocupação com a mensagem transmitida por ela, na dena dconstruída, me acompanhava desde então. Às 7:30 da manhã, chegamos à casa de Juanice. Fomos atendidos por seu filho, que nos informou que ela precisou sair às pressas: um cachorro pitbull havia atacado seu pai, e ela precisou acompanhá-lo para receber cuidados médicos. Levamos um choque. Um tremor tomou meu corpo – se já estava nervosa, fiquei ainda mais. Guardamos os alimentos que seriam utilizados no almoço e combinamos de remarcar a gravação para outro dia.

Por ora, a cena da mata estava mantida. Iríamos apenas com a equipe de produção: a atriz, o diretor de fotografia e a produtora executiva, Loiane Cristian de Sousa (amiga mestranda, também integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas

Encruzilhadas – GEPEn).

Nos preparamos em frente à casa de Juanice, no quilombo, e seguimos caminhando para à mata. Pedi que ninguém entrasse antes de mim, pois estava seguindo as orientações do Preto Velho Rei Congo de Angola para entrada naquele espaço sagrado. Dias antes, participei de uma gira de Pretos Velhos e conversei com Vô Congo de Angola sobre a pesquisa e o filme que venho produzindo. Disse a ele que estaria gravando uma cena na mata e perguntei se poderia filmar também durante uma gira (sessão de umbanda). Perguntei, ainda, se eu – por ser médium rodante – deveria fazer algo antes de entrar na mata.

Sendo filha de Oxóssi, ele orientou que eu pedisse licença antes de atravessar a porteira. Acender um pavio branco (vela) – tomando cuidado para o fogo não se espalhar pela mata –, saudar meu Orixá, aos caboclos e os seres da floresta, pedindo licença, proteção e guarda. Pediu também que conversasse com meu Pai de Santo, para combinar o dia para fazer o “filmador”.

Subimos pela trilha, em busca do melhor local e da iluminação natural para filmarmos a cena em que Francisco corre nua – momento em que a personagem se despe, tornando-se um corpo-tela.

No ensaio da cena, vestia um roupão azul. Corria nua pela trilha, aparecendo apenas os pés. Tropeçava e seguia correndo. Voltava para ver como a cena havia ficado. No início, retornava tapando a genitália com as mãos. Foram tantas idas e vindas que a personagem acabou se integrando à natureza, tudo se tornando mais natural. Ela voltava caminhando e, logo em seguida, saía correndo por outra trilha.

De repente, um feixe especial de luz surgiu – aproveitamos o momento para filmar movimentos improvisados e registros de concentração da atriz. Cenas riquíssimas, com a luz e sons ambientes em sincronia. Tantas imagens belíssimas... difícil será escolher na edição.

Arquivo Pessoal: personagem Francisco na mata de São Vicente, em cena no filme “Aquilombamento: tocar, afetar e soltar. Re-começo e propliferação.”

Descendo da mata, avistamos a filha de Juanice, que nos aguardava à beira da estrada. Antes de sair, agradeci pelo momento especial e pela proteção recebida na mata. Estávamos ansiosos por notícias de ‘Seu Jamiro’. Que notícia triste. Seu Jamiro havia ido cuidar do pitbull que tomava conta em uma fazenda próxima, mas foi atacado pelo animal, que dilarecerou partes de seu corpo. Ele passou por cirurgias, mas acabou desencantando na manhã seguinte. Esse fato abalou a todos nós a ao nosso território. Quanta tristeza... Assim como compartilhamos nossas conquistas de forma coletiva, abraçados e juntos, também vivenciamos a dor do outr, que é, igualmente, nossa.

Seguindo a planilha de filmagens, conversei com meu pai de santo sobre o melhor dia para realizar a gravação, já deixando de sobreaviso meus irmãos de santo, caso pudessem contribuir com a produção acadêmica. Como o mês de maio se aproximava, ele sugeriu que a filmagem fosse feita no dia da Festa de Pretos Velhos, pois a casa de santo estaria mais enfeitada e os irmãos estariam vestidos com suas roupas de santo. E assim aconteceu. Realizamos algumas cenas da personagem Francisco chegando e entrando na casa de santo, saudando o Gongá e o pai de

santo. Durante a gira, o Rei Congo de Angola me chamou, deu os parabéns pelo trabalho que venho realizando e pelos cuidados que tenho com a espiritualidade. Disse ainda que, se eu quisesse, poderia fazer ‘filmador’ dos Pretos Velhos de nossa casa “em terra”. A alegria tomou o meu ser!

Arquivo Pessoal: imagem de moradores do Quilombo Cruzeirinho na pracinha no fim de semana.

Aproveitando o fim de semana e o movimento no quilombo, seguimos para a filmagem da transição de tempo – o anoitecer no quilombo. As crianças brincando no campo ao entardecer, alguns idosos conversando no banco da praça, o som do forró e as risadas no bar da Alzira. A agitação começa com nossa presença na comunidade: as crianças ficam animadas, sempre aguardando a realização de alguma atividade quando chego. As crianças que passam brincando em suas bicicletas, carregando outra criança em sua garupa, indo, de um lado a outro em frente à câmera... o conhecido que passa de carro e grita “Opa!”. Enquanto a câmara capta esses

momentos, aproveitamos o tempo para colocar a conversa em dia e dar boas risadas.

Algumas semanas depois, veio a pergunta de Juanice: quando realizaríamos a filmagem em sua casa? E assim seguimos mais uma vez para o quilombo, agora para a cozinha de Juanice. Chegamos à sua casa – seu sorriso contagiante e receptivo nos acolheu de imediato. Os netinhos brincavam pela casa, animados com nossa presença. A conversa acontecia, e a filmagem fluía enquanto dialogávamos. Juanice, entre uma fala e outra, atendia aos chamados dos filhos e netos, tudo isso enquanto cozinhava no fogão a lenha.

Sempre é um aprendizado a cada ida ao quilombo. Em cada conversa, muita troca; partilha dos saberes repassados por nossos ancestrais. Seu Jorge, esposo de Juanice, chegou dos afazeres na roça – estava cuidando das caixas para as colmeias de abelhas. Uma grande novidade: agora estava produzindo mel e própolis. Curiosa e muito interessada que sou, estendemos nossa conversa e logo veio o convite para um dia acompanhá-lo na retirada de mel das colmeias. Aceitei de imediato o convite.

Com a chegada do dia 13 de maio, data marcada para a produção de dados no Centro Espírita Vovó Cambinda da Angola, na festa de Pretos Velhos, seguimos conforme o combinado com o pai de santo. Chegamos horas antes para captar momentos específicos: a personagem Francisco chegando e saudando o Gongá; as cantigas entoadas; as mãos dos Ogãs tocando o atabaque; as palmas. Também combinamos previamente com a assistência (as pessoas que comparecem para assistir à gira) alguns movimentos e o que seria realizado. Tudo foi bem conversado e esclarecido, para não atrapalhar a ‘macumba’ nem a firmeza dos médiuns, já que os demais dados a serem produzidos incluíam o ritual de abertura com a defumação e incorporação dos entidades.

Arquivo Pessoal: Imagem da produção de dados no Centro Espírita Vovó Cambinda da Angola, no bairro Parque Lajinha em Natividade-RJ. De pé o zelador da casa, Pai de Santo Willians Medeiros

Lindo de ver a participação e apoio dos meus irmãos de santo para que tudo fluísse da melhor maneira possível. Uns ajudando os outros no preenchimento e assinatura da Autorização de Uso de Imagem. Os assistentes (visitantes) também participaram e assinaram a autorização. Nesse momento, aquilo que no cinema chamaríamos de “set” – um espaço deliminado externamente pela equipe técnica – se transformou num campo aberto de atuação e ação coletiva.

Arquivo Pessoal: Imagem da produção de dados na Festa de Pretos Velhos no Centro Espírita Vovó Cambinda da Angola, no bairro Parque Lajinha em Natividade-RJ.

Em outros termos, quero dizer que fazer cinema no quilombo e no terreiro é estar ciente de que, em algum momento, aquele espaço deixará de ser apenas pessoal para tornar-se coletivo – apropriado pelo exercício constante de fazer comunidade. Como atriz, roteirista (e com um toque de diretora), conversei com o diretor de fotografia, orientando sobre as demais cenas e planos, pois não estaria atenta ao que seria produzido.

Após a defumação, eu estaria firmando meu Orí para sustentar a gira e passagem do meu Preto Velho.

Encerrada a gira, todos estavam curiosos, querendo saber de como ficariam as imagens e quando seria lançamento. Sugerira até um dia de cinema no Centro Espírita para assistir ao produto final. E minha gratidão aos guias, por tanta inspiração nesse percurso.

Seguindo para a próxima cena do plano de produção, eu estava apreensiva com a produção de dados na cozinha da minha casa. Dona Creuza, minha mãe, já tinha feito as tranças no cabelo e estava muito empolgada. Dizia estar nervosa, preocupada com o que iria falar. A tranquilizei, dizendo que conversaríamos como sempre fazemos,

em nossas conversas do dia a dia, enquanto ela preparava o almoço. Vestiu sua roupa, fez um café delicioso e o deixou na mesa da cozinha para a equipe de produção. Muitos risos tomaram a cozinha, entre orientações sobre sua performance e o cheiro do café recém-passado.

Iniciamos a filmagem no terreiro, cena em que minha mãe caminha para colher as ervas frescas que temperariam a carne do almoço. Ela foi brilhante. A cena ficou linda – e ainda improvisou suas falas, contextualizando tudo com sua espontaneidade. Todos elogiaram sua desenvoltura, e mostramos as imagens a ela. Seus olhos, de brilho único, fizeram com que seu sorriso iluminasse todo o ambiente. Amou se ver em cena e foi ousada: “Estou me sentindo a Zezé Mota!”, disse, fazendo uma pose e soltando uma boa gargalhada. Logo retruquei: “Agora sei de onde vem minha paixão pela arte. Tenho a quem puxar.” O riso alto e caloroso coloriu toda a cozinha.

Continuamos com a cena na cozinha, acompanhando sua performance e movimentação pelo ambiente. As panelas no fogo, o aroma magnífico. Arroz, feijão, couve fininha no alho e óleo, costela de boi com mandioca – a famosa vaca atolada. E não poderia faltar o que fizemos em todos os outros dias de produção de dados: a divulgação, nas redes sociais dos momentos de gravação. Milhares de visualizações, comentários e as minhas protagonistas sendo paradas e reconhecidas nas ruas. Foram elogiadas por seu desempenho no curta-metragem – e muitos se autoconvidaram para, um dia, degustar o prato que estava sendo preparando.

Cena III –

Fragmento Metodológico

O Projeto atual encarnou na imersão do GEPEn durante o II Seminário do Quilombo Cruzeirinho. Enquanto vivíamos uma experiência de pesquisa de campo aquilombada, mergulhávamos com o corpo limpo e aberto às novas experiências e trocas, no cotidiano e nas subjetividades de nosso quilombo – na cozinha de Juanice, no aconchego e acalanto de nossa gente.

As reflexões apresentadas por Leda Maria Martins trouxeram contribuições fundamentais tanto no campo teórico quanto metodológico, com provocações que me levaram a refletir e a relacionar os corpos-útero, guia e horizonte das protagonistas. A autora propõe caminhos como o conceito de “corpo-tela”, levando em consideração as subjetividades atravessadas pelo sentimento de pertencimento, e nos convida a pensar o corpo-território negro, confliuindo com o reconhecimento e a afirmação de nossos corpos afroepistêmicos.

O habitar negro é constituído não apenas pelas práticas afrodiaspóricas, mas por experiências que tecem nossa existência quilombola. É nesse entrelaçamento com “práticas diaspóricas” que venho tecendo minha própria existência.

Trata-se de uma pesquisa construída com esse sentimento de pertencimento, abordando as subjetividades dos corpos-territórios do quilombo em associação ao com meu reencontro ancestral – orientada pela espiritualidade e pelo meu desejo pessoal de entrecruzar saberes, vivências e teorias de forma ética-política-espiritual. (MONTEZUMA, 2023, pág. 18).

Em nossas rodas de conversas com o orientador, ao final de cada dia, relatávamos as vivências e observações que atravessavam nosso estar no território – no individual e no coletivo. O Professor Diego escutava atentamente, pontuava com cuidado e nos instigava a perceber os detalhes do que não era dito: o toque, o afeto – repletos de significados e signos.

---

[4] Mais uma prática ancestral do nosso cotidiano, a circularidade presente nas cantigas de roda, na umbanda (giramos quando o insensório passa por nós e giramos em sentido horário quando entoamos as cantigas), as rodas de conversa e a circularidade dos saberes e conhecimentos compartilhados pelos mais velhos e nossos ancestrais

O aprofundamento sobre nossa vivência territorial e a observação do impacto do afeto em nossas performances com a comunidade se tornaram mais presentes no último dia do Seminário Quilombola. Era primavera. O entardecer estava lindo. O nosso céu é lindo. Ainda mais quando visto de onde estávamos: no campo de futebol do quilombo, cercados pelas montanhas, sentindo o frescor da Mata de São Vicente.

A convite do professor, sentamo-nos no chão, em círculo[4], para fazer as pontuações, trocas e suas considerações.

Os colegas expressaram-se, compartilhando suas experiências e o impacto que essa vivência teve em suas vidas. Compartilhar minha história, nossas raízes... ter ouvidos... ser voz. Minha mãe nasceu nas imediações da fazenda Santa Rosa, próxima ao quilombo. Minha pesquisa tem sido compreendida como um retorno ao quilombo – um retorno ao útero de minha mãe. Ali se deu meu entendimento do quilombo como um lugar uterino.

As ideias surgiram, meu orí se iluminou. Um retorno a partir desse olhar para minha mãe, para minhas raízes. Pensei em trazer as mulheres em fotografias, narrando esse tocar, afetar e soltar... O significado da cozinha. A cozinha como útero da casa.

De repente, chegou Juanice, justamente quando falávamos das mulheres que me inspiraram e incentivaram ao aquilombamento. Já com a voz embargada, falei sobre o momento e sobre a proposta de minha pesquisa de mestrado. A emoção tomou conta de todos nós. Aqui, escrevendo, relembrando esse instante, sinto os olhos marejandos e o coração saltitando.

Juanice agradeceu ao professor e aos colegas do grupo de pesquisa pelos dias de alegria e encanto com nossa comunidade. Dias lindos de viver... Ter nossos anciões reunidos no mesmo tempo e espaço. Uma oralidade ancestral tomou conta numa roda de prosa – repleta de lembranças e sorrisos. Assim mesmo, à vontade, como se estivéssemos sentados na cozinha, “perando um dedim de café”.

Desde então, busco compor uma cartografia a partir do não dito, das relações de afetos e afecções. Elaboro uma metodologia de pesquisa que se confunde com a vida – na metonímia do tocar, afetar e soltar. Uma metodologia que expressa em performances de um aquilombamento, de movimentos no e do Quilombo Cruzeirinho, de experivivências e práticas dos corpos-territórios. Encarnando um texto vivo, que respira em cada página como um corpo ainda por ser feito.

O desafio, neste caso, está no exercício de compor um texto que, em sua escrita/leitura, seja capaz de manifestar os sentidos e significações de uma existência que, em última instância, (si) habita. Em outras palavras, o que percorre essas entrelinhas é o desejo de produzir uma dissertação-performance: que baila, que corre descalça pelo chão batido, que sobe em árvores e contempla o céu azul contagiante. Que, à noite, carrega o brilho e o encanto das estrelas – guardiãs dos nossos sonhos e desejos. Uma escrita que seja orelha, que seja “escuta e escrita do outro” (MARTINS, 2021, p. 199).

Houve dias chorosos ao me reencontrar nas leituras. Palavras ditas e lidas que me atravessavam, em cada pedaço do ser. Ao pensar em cada uma das protagonistas e em suas imagens, chorei com intimidade e emoção profunda. Seguiu a inquietação e o medo: o que dizer? De que forma dizer? Como transmitir em palavras e imagens partes tão essenciais delas – emoções sentidas, experivividas, que me tocaram tão significativamente, que me trouxeram luz e novos signos? Como escrever sobre minhas protagonistas sem subtrair, nas imagens, suas sutilezas – o olhar que fala, o ouvir que cura, o toque que revigora? Como trazer em imagens os sons das cozinhas na materialidade da existência do corpo-território-quilombo?

No primeiro momento, elaborei um memorial acadêmico, elencando situações e mulheres importantes para meu aquilombamento – no individual e com o coletivo. Para a produção dos dados, assumi o cinema como recurso metodológico. Assim, construí o roteiro do filme *Aquilombamento: tocar, afetar, soltar. Re-começo e proliferação*, com imagens e sons dos corpos negros em seu cotidiano.

Em campo, fui experivivenciando a prática metodológica no cotidiano dos territórios, durante a produção dos dados. A direção da Escola Creche Cruzeirinho organizou e preparou para nos apresentar às crianças em seu projeto de culinária. Todas estavam com avental e gorro na cabeça – felizes, participativas em todo tempo – enriquecendo a pesquisa.

Sou pelo que essas mulheres me ensinam. Os saberes que me são passados – e por mim praticados – são fundamentais para minha formação. Isso demonsta a quão importantes são as oralituras. Pergunto-me por que práticas e usos dessas oralituras ainda não são incentivaoas entre os professores da Escola Creche Municipal Cruzeiro de Cima, localizada dentro do território do Quilombo Cruzeirinho. A adoção dessas ferramentas metodológicas no cotidiano escolar pode fortalecer identidades, raízes e

cultura dos estudantes quilombolas, além de possibilitar um trabalhar interdisciplinar que envolva comunidade, a escola e prática da escuta aos mais velhos.

Lembro da disponibilidade do Pai de Santo Willians, e da sua dica sobre o melhor dia para realizarmos a filmagem no terreiro. Do contato que fiz semanas antes com meus irmãos de santo, explicando a pesquisa e convidando para o documentário. A alegria de todos os irmãos no dia da gravação, a ajuda nos preparativos da casa, a colheita das folhas de cafezinho do mato para “forrar” o chão do terreiro, todos com suas vestimentas para louvar e apresentar nossa religião. Os assistentes, surpresos e tocados, assinaram a autorização de imagem com entusiasmo, parabenizando e se oferecendo para ajudar na construção da pesquisa. O cuidado e os preparativos dos pratos pensados por minhas protagonistas – que bailaram poeticamente em suas cozinhas.

Trata-se de uma metodologia como uma epiderme, pautada em um exercício de fazer antropologia como quem produz vida(s). Propositiva, conclusiva e em movimento – que acontece durante a produção de dados, no tocar, afetar e soltar. Nas performances do aquilombamento pessoal, do movimento no e do Quilombo Cruzeirinho, nas vivências e práticas dos corpos nos territórios, no espiritual.

Este projeto é a composição de um texto vivo, que respira em cada página. Um texto que, ao ser ‘degustado’, permite encontros e produção de sentidos. Uma dissertação-performance que baila, corre descalça pelo chão batido, sobe em árvores, contempla o céu azul, e que, à noite, traz o brilho e encanto das estrelas que velam por nossos sonhos e desejos. Uma escrita que é “escuta e escrita do outro” (MARTINS, 2021, p. 199).

O mais lindo da jornada é o percurso: estar na direção e, ao mesmo tempo, apreciar e interagir com o trajeto sendo re-elaborado, fabulado, vivenciado. Aprendendo com esses corpos epistêmicos, mantendo essas mulheres vivas em nós, sendo guiadas pela ancestralidade.

Cena IV –

Prólogo

O prólogo revela a potência de três mulheres negras que desafiaram o silêncio e a invisibilidade historicamente impostos pelo projeto colonial. Mulheres que “[...] imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e nunca deixarem de considerar como o mundo poderia ser de outra forma” (HARTMAN 2022, pág. 13), se (re)configuram – e com elas, seus territórios, afetos e pertenças – afirmando identidade, voz, visibilidade e territórioschão. Suas presenças escrevem-se nas telas em gestos de dança, como corpos-telas vivos, em movimento, que (re)escrevem histórias outras. Histórias que afetam, confluem, (in)formam, bailam, proliferam e transformam com suas performances.

As encruzilhas das cozinhas de Juanice, de Dona Creuza e da Escola Quilombola tornam-se pontos de encontro de saberes, sabores e memórias. Nos temperos, no preparo, no cuidado, nos saberes ancestrais transmitidos de geração em geração – tudo se integra à natureza. Há vida mesmo quando não parece haver: a lenha retirada na mata, por exemplo, aquece o alimento e acolhe o corpo, sendo também sustento da arquitetura das casas, em seu “esqueleto”e fundação.

Nesse movimento, a natureza viva – as ervas usadas nos pratos, nos banhos, nos chás – oferece força, cura, sabor e memória. Dançam no ar e provocam lembranças e desejos em quem cruza seu caminho. A cozinha quilombola, com seu poder de encantamento, é gesto e voz: o movimento das mãos que preparam, a sabedoria da fala que ensina. É prática de ancestralidade viva, de resistência e de poesia.

ESCOLA SUPLETIVA ANEXA AO
GRUPO ESCOLAR CIRÍNO SOARES PINTO
CARTEIRA DE ESTUDANTE
Crezalina Andra de
1969
Martha Bastos de Souza
As famílias
Andrade e Silva
Convidam para a cerimônia de casamento de seus filhos
Crezolina e Vicente
a se realizar às 17 horas do dia 14 de setembro de 197
na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Natividade
Natividade - RJ
Niterói -
MINISTÉRIO DO TRABALHO
SECRETARIA DE EMPREGO E SALÁR
CARTEIRA DE TRABALHO
024-RJ
Polegar Direito
CONTRATO DE TRABALHO
Empregador Elide Dinna de
Alencar.
Rua José Bento Ribeiro nº 3020
Município Cabo Frio Est. RJ
Cargo Doméstico
Data admissão 01 de novembro de 91
Remuneração especificada Cr$ 42.000,00
(quarenta e dois mil
cruzeiros p/ mês)
Elide D. Alencar.
Viva as coisas BOAS da vida

Quilombo Cruzeirinho

A Cozinha dos Quilombos
Sabores, territórios e memóri
DAGAZ

I Ato

O aquilombar

Arquivo Pessoal: Imagem das guias (contas de santo) feitas na Praia Grande em Arraial do Cabo-RJ.

— “Cê anda mei perdidu. Pru que cê num faiz u estudador do povu preto? Cê gosta tanto de ajuda nosso povo”.

Fique pensando... minha cabeça a mil com essa pergunta.

— “Mas de qual povo preto a senhora tá falando? Do povo do Quilombo Cruzeirinho ou do pessoal do Caxambú no Cantinho do Fiorello?”.
— “Cê sabe qual. Faiz sua parte seus caminhu vão tá abertu”, respondeu ela.

Essa conversa fluía enquanto eu ajudava a pombogira Dona Maria Padilha das Sete Encruzilhadas a vestir sua indumentária: um belíssimo vestido vermelho com sua renda fina, detalhada com pequenas rosas douradas. Um lindo colar no pescoço, uma pulseira dourada e um turbante enfeitando sua cabeça. Ela abriu um bornal de cetim vermelho, pegou um perfume e o passou em seu corpo. O cheiro tomou do ambiente. Passou também em mim e me deu um forte abraço. Agradeceu. Disse aquelas palavras e saiu toda formosa para tirar a sua cantiga, girando pelo terreiro ao som dos atabaques, irradiando seu axé.[5]

Dias pensativos... e a compreensão de uma grande missão: o reencontro com nossas raízes.

Uma intuição, um pensamento constante –realizar um projeto junto ao Quilombo Cruzeirinho. Um trabalho que, de alguma forma, afirmasse nossa comunidade, os saberes dos nossos anciões, mostrando ao mundo nosso cotidiano de buscas, conquistas e derrotas que nos fortaleceram. Tantas ideias... mas era necessário um caminho firme. O medo e a incerteza foram dissolvendo. Eu firmava meu orí e dizia aos meus guias: “preciso de vocês. Sem vocês eu não consigo”.

Sentia uma leveza. A certeza de que aquele era o meu momento. Fiz minha inscrição para o Mestrado em Ensino na Universidade Federal Fluminense, na cidade de Santo Antônio de Pádua.

Logo em seguida, saiu o edital do Mestrado em Educação no Programa de Pós-

[5] Esse evento ocorreu em março de 2023 em nossa casa, “Centro Espírita Vovó Cambinda D’Angola” (localizada no bairro Parque Lajinha – mais conhecido como Corte - à beira da cachoeira, na cidade de Natividade-RJ).

Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ), também com início previsto para o segundo semestre de 2023. Como já havia me inscrito na UFF, não comentei com ninguém. Mostrei o edital da UFRJ para alguns colegas do meu antigo local de trabalho. Uma delas, uma mulher branca, já mestranda, disse: “Nossa! Da UFRJ? É tão difícil!...” – frisando em bom tom a palavra “difícil” – “não que você não vá conseguir...”.

Aquela fala me tomou de um jeito que desci imediatamente para pagar a inscrição. Impulsividade? Talvez. Mas foi uma das melhores decisões da minha vida. Inscrevi os mesmos para os dois mestrados, ajustando-os a cada linha de pesquisa das universidades.

Acompanhava quase diariamente os resultados das etapas, sempre confiante de que eu passaria em uma das instituições. O resultado da UFF saiu primeiro: aprovada com excelente colocação. A matrícula precisava ser feita antes mesmo da divulgação do resultado da UFRJ. Muita gratidão à espiritualidade pelo novo caminho que se abria.

Ainda na primeira semana de aula, saiu o resultado da UFRJ: aprovada no Mestrado em Educação. E me veio à mente, de novo, a conversa com a entidade: “Faiz sua parte que seus caminhus vão tá abertu”. Axé!

Estava eu, então, matriculada em dois mestrados. Isso me encheu de orgulho. Mas era preciso escolher: seguir na UFF, em Santo Antônio de Pádua, mais “próxima” de casa, ou ir para a UFRJ, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro? Eu já carregava o sonho antigo de estudar na UFRJ – e foi por ela que optei.

Mas como estudar no Rio de Janeiro morando a oito horas da capital, de ônibus? Onde ficar alojada nos dias da aula? E mais: não havia conseguido liberação do meu trabalho para cursar o mestrado, mesmo com justificativa para os dois dias consecutivos em aula. A resposta das minhas superiores – mulheres brancas, em cargos políticos comissionados – foi: “Se te liberar vai dar oportunidades para ‘outros’ também. Então você não vai”.

Como diz Emicida na música *Ismália*: “... eles não quentam te ver livre. Imagine te ver rei...” – denunciando as diferenciações entre “pele alva” e “pele alvo”. Eu era todos os ‘outros e outras’. Alvo. Bombardeada por palavras que ferem, que doem na alma. Não hesitei. Pedi demissão. Era urgente me tornar *outra* nas estatísticas sociais.

Prosseguir por mim, levando comigo minha comunidade, os meus, minha ancestralidade.

Apenas acreditei e segui! Busquei, me inscrevi e fui aprovada como Bolsista no Programa de Excelência Acadêmica do PROEX/CAPES. Portas se abriram. Ganhei uma grande amiga, a Professora Mestra Lívia Vargas, que transformou seu apartamento, no bairro Grajaú, em meu quilombo, me acolhendo. A espiritualidade age de forma inexplicável, mas é preciso caminhar e, sobretudo, ter fé.

O meu projeto de mestrado nasceu de uma orientação espiritual recebida no terreiro de Umbanda. Isso revela a importância que a espiritualidade tem em nossas decisões, e como orienta os caminhos que trilhamos. Essa imersão na Umbanda – mediada por guias, mentores espirituais e Orixás – nos permite emergir fortalecidas das experivivências que nos fragmentaram. Renascemos em axé, (cons)cientes de nossa responsabilidade com o coletivo e com nosso povo negro.

Ser umbandista não é apenas seguir os preceitos que antecedem as giras; é viver a religião no cotidiano, em conexão com os Orixás e guias, com os elementos cósmicos e a natureza que nos circundam.

É manter a firmeza no terreiro, a firmeza do Orí e o respeito à ancestralidade. Firmar o Orí – a cabeça, centro da consciência – é também firmar Orixá que ilumina e orienta, guiando nossas performances na espiral do tempo: ouvindo o ontem, compreendendo o hoje e vislumbrando o que há de vir.

Meu percurso estético parte do corpo negro e de sua performance como ferramenta de formação e saída da invisibilidade imposta pela necropolítica. É o retorno ao útero do quilombo, o aquilombamento como meio de alcançar sonhos e desejos individuais e coletivos. É o (re)encontro íntimo com a ancestralidade, expresso em ritos, em palavras e atitudes que reverberam em performances inspiradoras, reafirmando nossa identidade.

Como aponta Krenak (2020), buscar nossas referências, afirmar nossa identidade e fortalecer o vínculo com a memória ancestral é fundamental. Um povo sem memória ancestral é um povo sem identidade. A cada passo no palco-vida, me percebo como uma encruzilhada de sentidos e discursos, habitada pelas vozes dos nossos Orixás, guias e ancestres.

O *asè* é a força que motiva, (re)vitaliza, mobiliza e fortalece nas encruzilhadas do percurso. São as confluências que inspiram, que sustentam a firmeza do Orí e captam a luz da sabedoria ancestral, iluminando caminhos e percalços. Como afirma Martins (2021, p. 217), os que nos antecederam, movidos pelas confluências das espirais do tempo, “são nossa mais viva inspiração e nossa cura. Nosso corpo-mastro, nosso corpo-chão”.

Este corpo negro está em movimento constante, buscando aquilombamento a partir das confluências que surgem no ato do próprio de caminhar. É uma metodologia viva, que toca, afeta e solta, um acervo de repertórios que respira, às vezes pira, mas também inspira – como descreve Leda Maria (2023), trata-se de um “corpo-voz inventário”. É um corpo que deseja transformação, que luta no campo social e espiritual, resgatando saberes e práticas ancestrais.

O chamado ao aquilombamento – ou aquilo que nos convoca a ele – é, muitas vezes, marcado por dores e incerteza. É navegar no tempo em uma viagem espiralar, do Atlântico Negro ao quilombo que somos, resistindo a uma sociedade ainda colonizadora e afirmando a oralidade corpórea da mulher negra como território existencial. É nas encruzilhadas que meu percurso se fortalece, nas confluências que instigam, agregam e congregam.

Embarcando em uma viagem metamorfa do silêncio histórico-social instituído por uma educação/sociedade ainda colonizadora, mas, ao mesmo tempo, no *continuum* performático de uma oralidade corpórea da mulher negra enquanto território existencial. Um percurso estético que tem sido constituído e fortalecido nas encruzilhadas, com confluências que nos instigam, agregam e congregam. Trata-se, portanto, de um envolvimento que possibilita que nos escrevamos junto aos espaços vitais que produzem nossos percursos, multiplicados por confluências e mediações. Tonando “[...] dizível e visível o até então indizível e suportado, enquanto invisibilidade...” (2021, pág 162). Operando as muitas falas como multiplicidades, as quais se complementam e suplementam em todo o tempo.

Os aquilombamentos, a partir das experivivências com nossas lideranças comunitárias (referindo-se às experiências – sociais, dialógicas, sensoriais, motoras e cognitivas, espirituais - e às trocas em e com um grupo e/ou comunidade, a partir de suas vivências e práticas cotidianas), constitui uma experiência transatlantizada que

impulsiona e fortalece a ancestralidade. Solidificando os saberes em suas performances, seja no corpóreo ou no campo cognitivo (intelectual/emocional).

Atuei a vida inteira em diálogo com os fazedores de cultura, especialmente junto às comunidades historicamente menos assistidas e em situação de maior vulnerabilidade social. Em minha trajetória profissional e nos espaços que ocupei, busquei, de alguma maneira, contribuir para a valorização dos saberes ancestrais, da oralidade e das práticas cotidianas que sustentam os movimentos de resistência e afirmação nos territórios.

Desde o ano de 2002, participo de atividades junto ao então chamado, à época, Cruzeirinho de Cima. Duas vezes por semana, uma equipe multiprofissional se reunia com a comunidade para debater questões do território e buscar caminhos de transformação coletiva – sempre com os moradores como protagonistas da ação.

Recontar essa trajetória é também um retorno ao espaço ancestral. É reatar os sentidos e emoções que moldaram este “corpo-tela” (MARTINS, 2021) – um corpo negro que insiste em (re)construir sua identidade e ancestralidade, em movimento, em performance, para além do transatlântico.

Segundo Leda, o corpo-tela é um “[...] ambiente de saber e da memória, o que faz da superfície corporal, literalmente, literalmente, texto, e do sujeito, intérprete e interpretante, enunciado e enunciação, conceito e forma simultaneamente. (MARTINS, 2021, p. 175). Assim, “torna-se ele pr[oprio geografia, paisagem de dicções e e enunciados, território de palavras enunciadas (MARTINS, 2021, p. 173). O corpo-tela é, portanto, a própria manifestação do tempo espiralar – um lugar de saberes primeiros, guardando e instaurando múltiplas temporalidades.

Nossos ensinamentos são corpóreos e orais... Educamos pelas oralidades e pelos corpos-performances: corpos político-socias, corpos-útero, corpos-guia e corpos-horizonte. Corpos que trazem suas vivências... suas experivivências... nosso saber maior. Mas a quem interessa um corpo negro educado e educando, senão a ele próprio e aos seus? A quem interessa um corpo retirado da invisibilidade – uma invisibilidade que enriquece tantos?

Muitas de nós acreditamos que estudar é uma peça importante em nossa ‘libertação’. Mas precisamos trabalhar pelo pão de cada dia – sair de casa na hora

marcada, sem hora certa para voltar. Isso quando voltamos. Quantas de nossas irmãs ficaram pelo caminho... seguidas... perseguidas... excluídas... eliminadas... exterminadas? Muitas de nós ficamos no meio do caminho, almejando chegar lá. E entre tantos sonhos, o de concluir nossa formação.

Estar em um mestrado, em uma Universidade Federal, é um ato político para o nosso corpo negro, que carrega na alma a força ancestral e os saberes constituídos nas diásporas. Dialogando a partir de leituras e estudos de Gondim (2021), Pereira (2023), Santos (2019), Fanon (2008), entre outros autores que ampliaram meu campo intelectual, o fortalecimento necessário no aquilombamento.

Falar da trajetória é retornar ao espaço ancestral, reatar sentidos e emoções que moldaram esse “corpo-tela” (MARTINS, 2021), em busca por um lugar que vá além do trans-atlântico, em uma performance de (re)construção indentidária e ancestral.

Arquivo Pessoal: Imagem dos moradores do Quilombo Cruzeirinho na pracinha.

Sou uma *sobrevivente* das estatísticas que recaem sobre nossa população negra – aquela que busca e instiga a (re)construção de conhecimentos, sendo ponte, (re)passando saberes nas práticas experivivenciadas e nas subjetividades dos corpos.

Corpos que são de extrema potência para atravessar a escuridão que encobre aqueles que insistem em manter nossa gente, nossas comunidades, invisíveis.

Invisibilidade que buscamos dirimir, trazendo à luz mentes carbonizadas pelos estigmas, pelos preconceitos, pela discriminação. Acreditar... Acreditem: é preciso educar os corações e as mentes, sim! Aquilombar o corpo negro, aquilombar-nos onde estivermos.

Nascimento (2018) é cirúrgica ao afirmar que a terra "... é meu quilombo. Meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou." Hoje, o quilombo nos habita – não mais como o território que almejamos alcançar, mas como o que já somos. Nossos corpos epistêmicos, (re)construídos, se (re)conhecem enquanto territórios de resistência e de afetos. Este corpo-tela se despe dos conhecimentos e pensamentos colonizadores impostos pela sociedade – conhecimentos que nos foram impostos desde a formação escolar.

Mas de que forma atuar no território sem apoio e reconhecimento? Assim era visto o Quilombo Cruzeirinho. Ou melhor, não era visto. Os próprios membros da comunidade ainda não se reconheciam enquanto quilombolas, mesmo com o território já reconhecido oficialmente como Comunidade Quilombola pela Fundação Cultural Palmares. A gestão municipal, por sua vez, não demonstrava interesse nem oferecia apoio com ações pontuais e afetivas que pudessem melhorar – ou sequer priorizar – a qualidade de vida dos quilombolas.

Pensava que o não reconhecimento como quilombolas poderia estar relacionado a uma variedade de fatores: a discriminação e o preconceito estruturais; a desigualdade social que assola os territórios; a ausência de políticas públicas afirmativas; a carência de processos de escuta e sensibilização comunitária – sobretudo quando a própria identidade quilombola ainda se encontra em processo de descoberta. Soma-se a isso a presença de vieses inconscientes, que atravessam gerações e se manifestam em atitudes e comportamentos excludentes e marginalizantes.

Por isso, foi essencial promover a escuta e o acolhimento da comunidade, em busca do aquilombamento. Os saberes acadêmicos também foram convocados, não como forma de imposição, mas como ferramentas de ampliação dos horizontes e dos pensamentos, visando melhorias concretas em nossos territórios. Foi com esse espírito que, em 2019, se pensou o I Seminário do Quilombo Cruzeirinho. A proposta era criar um espaço de diálogo em que palestrantes pudessem esclarecer à comunidade – e também a representantes da gestão municipal – a importância do reconhecimento quilombola e as possibilidades concretas de ações e projetos a serem pensados e executados em parceria.

O quilombo foi, ali, afirmado como lugar de invenção coletiva, espaço de agenciamento de singularidades, de debate ampliado com os gestores públicos. A pauta era a urgência de combater o racismo estrutural, de visibilizar as histórias e ancestralidades da comunidade, de sinalizar a importância do registro racial e da autodeclaração quilombola nos documentos e sistemas oficiais. Era (e é) sobre reivindicar dignidade, pertencimento e políticas públicas que reconheçam a potência viva de nossas comunidades.

Foi na articulação do I Seminário do Quilombo Cruzeirinho que o Caxambú entrou em nossas vidas. Sentíamos a importância de incorporar ao evento uma manifestação da cultura afro-brasileira, mas, até então, em nossa cidade, apenas a capoeira era minimamente divulgada. Diante desse desejo de trazer expressões culturais que fizessem ecoar nossas ancestralidades no território – sobretudo porque muitos quilombolas ainda não conheciam essas manifestações –, começamos a conversar com diferentes pessoas na cidade. Foi assim que nos indicaram o contato de alguém do Bairro Cantinho do Fiorello, em Natividade, que participava de uma roda de Caxambú.

Entrei em contato e conheci Nalva Ramos. Ela nos contou que o grupo com o qual dançava havia se desfeito havia algum tempo, e que as apresentações aconteciam mais frequentemente em uma cidade vizinha. Mesmo assim, ao entender a proposta do seminário no quilombo, Nalva prontamente se dispôs a colaborar. Convidou três jovens, conseguiu emprestados os atabaques e organizou uma apresentação especial para nosso evento.

Dançamos.

Esse foi o primeiro contato da comunidade com a dança de Caxambú. Dançar descalços, com os pés firmes na terra do nosso quilombo, foi uma experiência imanentemente ancestral. Sentíamos a força e a energia da terra nos atravessando. A dança, naquele chão de memória, nos devolvia sentidos éticos, estéticos e políticos do que queríamos afirmar com a ideia de quilombo. Desde então, seguimos juntas, em apresentações que fortalecem e divulgam nossa cultura. Nossa prática cotidiana inspira ações e reverbera em sujeitos e territórios: aquilo que fazemos nos atravessa e também nos transforma.

Naquele momento, o quilombo ainda não tinha uma associação formalmente constituída. Era a líder – que já não lutava sozinha – quem sustentava os caminhos possíveis. Mesmo assim, idealizávamos projetos e atividades que mobilizassem, sobretudo, a juventude. A proposta era despertar o sentimento de coletividade e pertencimento, fazendo vibrar o orgulho de estar junto à nossa comunidade, de falar de nossa beleza, de reconhecer e celebrar nossas raízes, nossa história, nossa cultura.

Buscávamos promover atividades no território sempre que possível, e participávamos de eventos fora dele, nos quais, a cada novo dia, mais pessoas da comunidade faziam questão de estar presentes. Os jovens, em especial, assumiam com firmeza o orgulho de se dizer quilombolas, representando com alegria e responsabilidade nossa comunidade.

Com as conversas e o despertar do sentimento de pertencimento, chegou o momento de fortalecer nosso território por meio da criação da Associação do Quilombo Cruzeirinho. Sempre acreditamos nas (cri)atividades elaboradas como formas de afirmar o individual e/ou o coletivo. O estímulo no território, o olhar atento às nuances dos corpos em performance, a materialização de ideias e ideais, os resultados alcançados, assim como as palavras motivadoras que acolhem, incluem e inspiram.

Protagonizando os demais, demonstramos a importância de cada pessoa no processo, possibilitando conquistas significativas, tanto pessoais quanto coletivas – sendo todos atores capazes de transformar a realidade e o meio em que vivem. São relatos constituídos a partir dos corpos nos/dos territórios, ampliando o sentido da história, trazendo à tona vozes diversas e múltiplas que constituem, aquilombando.

Atuar diretamente com a comunidade e pensar um projeto para o mestrado partiu do objetivo principal de reconstruir a história quilombola do Cruzeirinho, por meio da afirmação dos valores e saberes ancestrais, a fim de potenciá-la e retirá-la da

invisibilidade. A oralidade e as narrativas contadas pelos membros da comunidade seriam o ponto de partida.

O título do projeto de pesquisa – *Comunidade Quilombola Cruzeirinho – Natividade-RJ: pertencimento, identidade cultural, fortalecimento, experivivências e práticas curriculares na Escola Quilombola* – já anunciava aquilo que até então era visto como emergente: visibilizar o nosso território.

O projeto foi aprovado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e apresentado em entrevista para a Linha de Pesquisa: *Currículo, Ensino e Diferença*. Um sonho realizado: cursar o mestrado e estudar em uma das universidades públicas mais importantes do país. Sentada ali, diante de duas grandes referências acadêmicas – o Prof. Dr. Amílcar Pereira e o Prof. Dr. Diego Gondim – sentia o nervosismo e, ao mesmo tempo, a riqueza daquele momento que estava sendo experivivenciado. As mãos transpiravam enquanto conversávamos sobre a pesquisa e sobre o nosso quilombo.

E veio a pergunta do Prof. Dr. Diego: “Em seu memorial e currículo você fala sobre sua formação e vivência comunitária com o teatro. Por que a questão teatral não aparece em seu projeto de pesquisa?” A resposta: o teatro, o fazer teatral – embora não estivesse na escrita do projeto apresentado – está na pele, no meu DNA. Sempre presente no cotidiano, ele se revela em suas possibilidades agregadoras em todo o fazer profissional, não importando o campo de atuação. O fazer teatral é o mediador em nossas ações e articulações.

Após a entrevista, aceitei de bom grado a possibilidade de o orientador sugerir mudanças no projeto de pesquisa. Claro que sim! Estar na academia é aprender, crescer, instigar os nossos, levando nossos corpos a espaços diversos, é um aquilombando.

Um projeto de pesquisa que começou em um lugar e se encontrou com o acaso em outro, no meio do caminho. Um projeto de esquecimento e também de memória, com todas as práticas e vivências compartilhadas nas subjetividades do/no cotidiano de cada quilombola do Cruzeirinho.

Um projeto que foi idealizado, mas não executado formalmente – ainda assim, vem sendo realizado todos os dias no quilombo, por meio das atividades articuladas

com a Associação do Quilombo Cruzeirinho. Está presente nas nossas rodas de conversa e brincadeiras na praça ou no campo de futebol, que integram a comunidade; nos dias de sessão do Projeto Cinema no Quilombo, sempre com um bom filme ou documentário, acompanhados de um lanche saboroso e uma prosa afetuosa; nas ações dialogadas e realizadas em parceria entre o quilombo e a escola; nos passeios pelo território quilombola e pela mata de São Vicente. É um projeto que, mesmo não formalizado, vem nos atravessando e nos afetando cotidianamente – a nós e aos nossos territórios –, possibilitando (re)conhecimentos individuais e coletivos. Um projeto que dialoga diretamente com esta pesquisa em curso, com o "tocar, afetar e soltar", visibilizando nossos territórios e os corpos femininos, negros, que performam, inscrevem, confluem, afetam, instigam e reverberam.

Atuo junto ao quilombo desde 2004, participando do processo de mapeamento e reconhecimento da comunidade como quilombola. Hoje, sigo ativamente articulando e mobilizando. Lembro-me de que, por volta de 2019, Juanice enfrentava dificuldades na articulação com os gestores municipais – e também junto à própria comunidade –, no que se refere ao sentimento de pertencimento e à autodeclaração como quilombolas. Diante disso, pensamos em maneiras de explicar e orientar tanto os gestores quanto a comunidade, e elaboramos o I Seminário Quilombola. Queríamos criar um espaço para convidar autoridades e instituições representativas do movimento quilombola, assim como o Ministério Público, a fim de promover esclarecimentos e fortalecer o reconhecimento da importância da nossa comunidade e de suas demandas específicas.

Conseguimos reunir o prefeito municipal, secretários, presidente da câmara e demais vereadores. Pensamos cuidadosamente em sua colocação na mesa principal, em uma roda de conversa – assim, não poderiam se esquivar de sua participação e estariam "obrigados" a ouvir as demandas da comunidade. Estavam todos ali: comunidade, Ministério Público do Estado, representantes da Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro (ACQUILERJ) e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Foi um momento potente, de escuta e de fala, de presença e de afirmação.

Arquivo Pessoal: Imagem do II Seminário Quilombola realizado na Escola Creche Municipal do Quilombo Cruzeirinho. Da direita paa esquerda: Cléber Andrade, Juanice (lider Quilombola), Sr Otacílio (contador de causos), Vó Luiza (a Doutoira das ervas medicinais), atrás dela o Prof. Dr. Diego Gondim (UFF/UFRJ), Sr Manchete (filho de vó Luiza e grande conhecedor das ervas medicinais) e a Prof. Doutora Márcia Souza.

No segundo mês de aula, apresentei ao meu orientador e aos amigos do GEPEn a proposta de promoção do II Seminário do Quilombo Cruzeirinho, pedindo apoio para sua organização e realização. Realizamos várias reuniões virtuais para pensar a dinâmica do evento, e o grupo colaborou com a organização do material de divulgação, dos certificados e das inscrições.

Surgiu então a ideia de realizar uma roda de conversa com os anciãos do nosso território: Vó Luíza e seu filho, o senhor Manchete – grandes conhecedores das ervas medicinais –, e o senhor Otacílio (em memória), com seus versos, rimas e histórias. Foi um dos momentos mais importantes vividos em nossa comunidade: tantos saberes reunidos em um só lugar. Eles estavam à vontade, conversando como se estivessem tomando um “dedo de café”, com a mediação feita pelo meu orientador, o Pr. Diego Gondim.

O seminário foi realizado em novembro de 2023, pensado e organizado pelos diretores da Associação do Quilombo Cruzeirinho, em parceria com o GEPEn. Vivemos uma imersão de três dias no quilombo, junto a um grupo de estudantes de graduação em Serviço Social da UFF, convidados por nosso orientador. Um evento com discussões significativas, em que pudemos experivivenciar o cotidiano e as práticas do nosso quilombo – proseando, auscultando nossos anciãos, interagindo com nossas subjetividades.

Arquivo Pessoal: Imagem do II Seminário Quilombola realizado na Escola Creche Municipal do Quilombo Cruzeirinho, em Natividade-RJ. Da esquerda para a direita: Sr Manchete (filho de vó Luiza e grande conhecedor das ervas medicinais)), Sr Otacílio (contador de causos), Vó Luiza (a Doutoira das ervas medicinais) e o Prof. Dr. Diego Gondim (UFF/UFRJ)

“Homens e mulheres negras chegaram nos séculos XV ao XVI ao continente americano, uma terra totalmente estranha, na condição de pessoas escravizadas, desterradas e despossuídas. Essas marcas históricas comuns singularizam a experiência negra. A partir de tais singularidades históricas e tendo o corpo como centro, pessoas negras construíram em todo continente culturas, ricas e diversas com elementos africanos ressignificados e reconconstruídos a partir do que vivenciaram. É nesse sentido que o corpo ganha uma primazia na experiência negra. Como lugar de inscrição de dores e prazeres: ‘não é à toa que a dança para o negro é um momento de libertação.”

(NASCIMENTO, 2018, pg 37)

II Ato

Corpos/territórios, protagonismo feminino

Sobre as mulheres tão importantes no meu processo de aquilombamento: sonhadoras, combatentes, corpos “de memória e de sonoridades” (MARTINS, 2021, p.142). Falar desses corpos que inspiram e nos impulsionam. Cenas negras contemporâneas de mulheres em campo, com suas experivivências e atuações nos territórios, problematizando e possibilitando sensações melhores no meio em que vivem, com suas (re)invenções que são vitais e impactantes – formando e (re)informando a partir de seus corpos afetuosos, que nos tocam e transformam o território.

Fui (e sou) afetada por mulheres negras fundamentais em todo esse percurso, como (re)tratadas nas imagens: minha mãe, Crezolina Andrade da Silva; Juanice Ferreira – nossa líder do Quilombo Cruzeirinho; e Nalva Ramos – Mestra Jongueira e presidenta da Associação Caxambú “Herdeiros D’Maria”. Corpos que se confundem, operando de forma orgânica, sem dissociações. Todas sendo: *corpos-útero*, *corpos-guia* e *corpos-horizonte*. Corpos de conhecimento que costuram e se entrelaçam, formando redes com suas performances estéticas, sociais e pessoais.

O foco está na potencialidade dessas mulheres negras, que desafiaram o silêncio e a invisibilidade que lhes foram impostos, se (re)configurando – e aos seus – na conquista de identidades, lugares de fala, visibilidade e territórios. A sutileza, maestria, encanto e singularidade do feminino. Escritas em e nas telas, com seus gestos e movimentos bailarinos; a energia e a vivacidade que compõem esses corpos, revelando, em suas performances, aquilo que não é dito, apenas sentido – expresso pelo gesto, pelo olhar e até mesmo pelo silêncio do pensamento. A força ancestral e da oralidade, a episteme de nossa pele negra, ouvindo o que nossos corpos nos dizem e ensinam.

Permitir que essas diversas vozes existam é visibilizar a grandeza e a beleza presentes na singularidade desses gestos, afetos, toques e experivivências – com as minhas protagonistas.

Esses quilombos que me afetaram – minha mãe Creuza, Juanice e Nalvinha – me fizeram (re)compor metafisicamente a minha concepção de negritude. Mulheres que trazem em si conceitos; uma corpóreo-grafia. Entendo a corpóreo-grafia como uma escrita performática dos corpos, refletida a partir de distintas experivivências no/do campo individual e/ou coletivo, em performances sociais, políticas, religiosas, afetivas etc.; que impactam e (re)configuram nossa imagem/corpo, nossa forma de agir, pensar, ver, estar e experivivenciar o mundo.

São corpos-telas que editam e (re)escrevem novas histórias. Trazem, em imagens, a potencialidade dessas protagonistas negras que desafiaram o silêncio e a invisibilidade impostos de forma colonialista – e que se (re)configuram, assim como aos seus. Mulheres que conquistam identidades, ocupam lugares e espaços de visibilidade, produzem territórios.

III Ato

Crezolina Andrade da Silva (Creuza)

09/02/1946-10/06/2024

Arquivo Pessoal: Imagem de Crezolina Andrade da Silva (Dona Crteuza). Férias no verão de 2024 em Arraial do Cabo-RJ.

"'Espero que num volte com menino na barriga pra deixar aqui. Igual a filha da cumadre Raimunda.' Ela – minha avó, Dona Maria Emiliana (pra nós, vó Maria; pra toda a comunidade, Dona Lili) – disse isso me olhando de banda enquanto conversava com a vizinha. Abaixei a cabeça e desci o Morro do Pito. Com meu vestido de chita,

uma sandalinha velha nos pés e outro vestido, mais ajeitadinho, embrulhado num pedaço de jornal. Seu Zé Vargas estava lá embaixo, na porta do carro dele, me esperando pra me levar até a rodoviária de Natividade. Eu ia embarcar naquele dia pra trabalhar em Niterói, na casa de uns parentes dele, tomando conta dos filhos de uma prima."

Seus olhos marejaram com as lembranças daquele dia, e a voz ainda carregava a marca da emoção. Suas palavras se compunham em imagens na minha mente – cada momento, cada olhar, cada sentimento (ou a ausência dele). A emoção pairava no ar.

O ano era 1955 – ano da décima sexta eleição presidencial no Brasil, com a vitória da chapa JK–Jango. Também foi o ano em que o Presidente Interino Nereu Ramos, com autorização do Congresso Nacional, decretou o Estado de Sítio no país. Meus avós moravam no Morro do Pito havia cinco anos, vindos da região da mata de São Vicente, território do Quilombo Cruzeirinho. Saíram do campo após um desentendimento entre meu avô e seus irmãos.

Ela tinha apenas nove anos de idade quando fez, sozinha, sua primeira viagem de ônibus: doze horas de estrada. Na bagagem das mãos, apenas um vestidinho; no baú da memória, lembranças abarrotadas dos dias correndo com os irmãos pequenos pela roça, subindo em árvores, atravessando fileiras de cafezais com minha tia Lurdes ainda pequena, brincando entre vagens de arroz. A saudade já apertava. O pensamento insistia em imaginar como seria a vida sem eles. Mas havia uma certeza: ela não faria como a filha de Dona Raimunda. Tinha decidido que iria trabalhar para ajudar sua família a ter uma vida melhor.

O motorista recebeu uma recomendação: deixar a menina na rodoviária de Niterói (RJ), onde uma senhora estaria esperando por ela, vestida de amarelo.

Uma criança tomando conta de outras crianças, ainda menores – mas que exigiam muito mais. Precisou aprender a cuidar da casa. Também teve que cozinhar. Sentada à beira-mar, na Praça Arariboia, em Niterói, chorava de saudade da vida no campo. Chorava ao entardecer. Até que, certa vez, uma onda levou a única sandália que tinha. O desespero e a tristeza a abateram. Mas sua patroa, Dona Héstia, logo comprou outra. E ali, naquele lugar estranho, ela começou a refazer sua vida. Fez

daquele lugar seu lar, seu território.

Foi incentivada a retomar os estudos que haviam sido interrompidos duas vezes: primeiro, pelos apelidos cruéis que ouvia no antigo ginasial da Escola Estadual Francisco Portella – caneluda, gigante, testa de amolar machado. Depois, pela necessidade de ajudar na roça, para garantir comida na mesa.

Meus avós tiveram dez filhos: cinco homens e cinco mulheres. Minha mãe, a mais velha.

Sempre pronta a ajudar a família, todo mês ela enviava dinheiro para contribuir com as despesas. E, quando voltava de viagem, era uma verdadeira festa. Sempre aguardada com alegria pelos irmãos e primos pequenos, trazia presentes para todos. Foi com o fruto do seu trabalho que conseguiu comprar uma casa para a família – o valor era descontado mês a mês do seu salário.

No bairro do Pito, desceu do morro. Agora, moravam à beira do rio Carangola, que serpenteia a cidade.

Ela saiu da casa dos patrões no ano de 1974, na véspera do casamento com meu pai. Seus patrões, que se tornaram seus padrinhos, a levaram até a Igreja Nossa Senhora de Natividade – no centro de Natividade-RJ – num carro “do ano”.

Foi uma grande festa. Parentes e amigos de toda a região compareceram. Houve a fartura típica de um casamento na roça: carne de porco preparada na semana anterior e armazenada em latas com gordura; frango, bolo, pastel, tutú, macarronada. Comida suficiente para semanas de celebração.

Os meninos, irmãos e primos, estavam todos com o mesmo corte de cabelo – como se tivessem colocado uma cuia sobre a cabeça e raspado tudo em volta.

Chegou o dia de cumprir mais uma promessa: casou-se de véu e grinalda – tão extensa que atravessava a igreja.

“Eu estava entrando na igreja de braços dados com o meu pai e, de repente, senti um puxão que fez minha cabeça balançar para trás. Olhei e era dona Preta, que tinha pisado no meu véu pra ver se ele caía.”

“Mas o que tem isso, mãe?”, logo perguntei.

“Os mais velhos dizem que, quando a noiva entra na igreja e o véu cai, é sinal de que ela não é mais virgem. Mas bem-feito: dona Preta quebrou a cara. Ela deve ter

achado que eu estava usando peruca. Se eu tivesse, teria caído. Mas era o meu cabelo mesmo.”

Arquivo Pessoal: Imagem Casamento de Dona Creuza e Vicente Goulart em setembro de 1974. Destaque na imagem ao pilão que ganhou de presente e semptre esteve presente em sua cozinha.

Naquela época, as mulheres da minha família usavam o pente quente pra alisar os fios crespos ou, então, usavam perucas. Conta minha mãe que, muitas vezes, teve que dormir com a testa encostada no travesseiro, só pra não desmanchar o penteado.

Eu me lembro perfeitamente de dona Preta. Sua fisionomia sempre me lembrava a de um personagem do desenho animado Pica-Pau: o jeito de andar, a postura, o olhar desconfiado para as pessoas.

Ela vivia espiando pelo basculante da casa, vigiando o que se passava na rua.

Ainda adolescente, numa madrugada, voltava do baile com algumas amigas. De longe, vi que ela estava ali, na espreita. Fui sorrateiramente pelos cantos do muro e lhe preguei um susto: apareci em sua frente, saindo debaixo da janela, e dei um urro. A coitada gritou, esbarrou em alguma coisa e caiu sentada. Não sobrou ninguém na rua – todo mundo com medo do puxão de orelha dela.

Dona Creuza seguia sua jornada – agora com seu primeiro bebê nos braços – ainda morando em Niterói, mas trabalhando na lavanderia do Hospital Santa Mônica.

Como todos os moradores dos morros, saía de casa bem cedo, entregava sua cria a uma pessoa de confiança para cuidar e passava o dia inteiro no batente. Subia o morro já ao anoitecer e, logo depois, descia com as latas para buscar água e abastecer nossa casa.

Lembro dela segurando minhas mãos, equilibrando uma lata d'água na cabeça. Na outra mão, levava mais uma lata, adaptada com uma madeira pregada de um lado ao outro da borda – um suporte improvisado para "facilitar" a vida e carregar a água.

Os móveis arrumadinhos em nossa casa de pau a pique. Tenho fragmentos desse dia na memória: eu sentada no chão, a estrutura de bambu já erguida. A água precisava ser buscada no pé do morro, e os vizinhos ajudavam – com suas forças e suas latas. Meu pai e seus amigos pisavam o barro, moldando o chão. Minha mãe e suas amigas, em roda, conversavam enquanto, com certo carinho e leveza, iam acertando o barro com as mãos, ajudando a levantar as paredes.

Já era entardecer. Lá do alto do morro, eu via, ao longe, a construção da ponte Rio-Niterói. Sem ter a menor ideia do que era aquilo.

Era preciso uma rede de apoio para seguir no dia a dia. Teve que tomar uma decisão que nunca gostaria de ter tomado, mas que, naquele momento, era necessária: deixar sua cria aos cuidados de seus pais, em Natividade.

A distância a corroía. Tantas lágrimas pelas estradas... A cada quinze dias, essa longa viagem e longas lágrimas.

Fui criada com os cuidados e ensinamentos dos meus avós e tios, que também são nossos pais e nossas mães. Ela sempre dizia:

"Respeita seus avós, que também são seus padrim. Pede bença todo dia e nada de falar besteria."

Contava que eu falava todos os palavrões imagináveis para a época. Disse que, quando eu tinha quatro anos, fomos passar uns dias na cidade de São Fidélis, hospedados num hotel no centro. No café da manhã, sentados à mesa, meu pai – Vicente Goulart (em memória), descendente indígena e pescador artesanal em Arraial do Cabo – pegou um vidro de pimenta e perguntou:

"Você sabe pra que que serve isso? Isso é pimenta pra passar na língua de quem fala palavrão."

Minha resposta foi imediata:

“Passa no seu cú.”

— “Minha cara caiu no chão, minha filha. Foi tão inesperado que as pessoas que estavam ali não se aguentaram e morreram de rir. Eu com a maior vergonha... e seu pai rindo, achando bonito!”

Nascida em 09 de fevereiro de 1946, na região do Quilombo Cruzeirinho, Crezolina Andrade da Silva – de cor preta – era filha de Aristides Andrade (mais conhecido como Seu Baixim) e Maria Emiliana dos Santos Andrade, ambos trabalhadores do campo.

Carregava em si uma grandeza que não cabia no peito – às vezes, até esquecendo de si mesma para dar o melhor aos outros, para garantir a paz.

Ajudou a formar sua irmã professora – o maior orgulho da família: Tia Graça, que também é minha madrinha de batismo.

Grávida novamente, em 1981, retornou para Natividade – e Melina veio para seus braços. Que criança linda, benza Deus!

Meu pai apareceu na casa dos meus avós com alguns dos nossos pertences em sacos grandes. Minha mãe estava muito triste.

Sei que ele não havia chegado de carro. Nós tínhamos, na época, um Fusca branco.

Aconteceu uma mudança repentina em nossas vidas, na vida de dona Creuza. Meu pai perdeu tudo e, até hoje, não sabemos como; ele sempre foi muito esbanjador. Ter que voltar a morar em Natividade, debaixo da casa de seus pais. Ter que aguentar o olhar de reprovação. Não queria dar motivos para ninguém falar: “Te avisei que ele num presta.” Perdeu seu emprego e o sonho de cursar auxiliar de enfermagem. Sim, ela chegou a se matricular naquele período. Perdeu seus amigos. Perdeu sua casa e tudo que lutou para colocar dentro. Agora, ter que começar do zero. Testerritorializada física e emocionalmente, inicia nova jornada como doméstica em Cabo Frio e como servente em Natividade.

São tantas as lembranças e ensinamentos: ter sido parte, ter vivido e aprendido com cada momento, situação, e com a firmeza nas atitudes e no caráter de dona

Creuza. De um olhar com brilho lindo, que riem soltos. Sua voz baixa e doce, mas, quando nervosa, ninguém a segurava. Em minhas memórias, a cozinha de minha casa: piso branco, um fogão em frente à pia. Ao fundo, sons produzidos pelo contato da colher de pau com as panelas, a água caindo na pia. Percebe-se a imagem – de pé, com a barriga apoiada na pia, (re)confortando o seu corpo/corpus útero, em sua intimidade no contexto cênico.

Uma senhora que divaga em suas lembranças, entoando, em sussurros, um hino do Cantor Cristão... baixinho. Pelo sussurrar, reconheço essa canção: “Alvo mais que a neve, alvo mais que a neve, sim, neste sangue lavado, mais alvo que a neve eu serei.”

Entre risos, recordamos que eu e minhas duas irmãs, Jane e Melina, quando crianças e morando em Cabo Frio–RJ, frequentávamos a I Igreja Batista do Jardim Esperança, onde também congregava a falecida dona Maria das Neves. Nesse refrão, nós cantávamos: “Ó bolinha das Neves, ó bolinha das Neves...”, apenas para mexer com aquela senhora que, para nós, lembrava um boneco de neve – robusta, de andar lento, com seus lindos cabelos brancos acinzentados. Muitos risos com essas lembranças que, em devires, trazem outras... e mais outras.

Uma cena-imagem que nos convida e encanta. Um convite que começa pelo escutar, antes mesmo de ver, o que a imagem vem nos apresentar aos olhos.

Os passos curtos de minha mãe, com seus chinelos arrastando no chão, e, atrás dela, nossos dois cachorrinhos – Pitoco e Charlote – correndo e brincando, fazendo uma algazarra, mordendo e cutucando com os dentes os dedos de seus pés. Ela se abaixa, fingindo pegar os chinelos, e vai dizendo: “Peraí que cês vão ver só!”. E quem disse que eles ficam ‘perando’?! Partem em disparada, num galope só.

Uma pequena distração e tudo volta ao normal: a cantiga sendo sussurrada, o gesto suave colhendo folhas de alfavaca para o tempero. Alguns dentes de alho caem no pilão. Quanta história em cada movimento! O objeto, presente de seu casamento no ano de 1974, testemunha cada gesto, cada performance: a imagem do corpo-episteme. O corpo-útero. Quanta coisa ainda para ensinar, quanta memória, quanto saber habitam esse corpo em seus movimentos poéticos.

A dança das mãos no preparo e no cuidado com o alimento; o tempero feito na hora, transformando os sentidos, aguçando o sabor da comida – tudo fresquinho, alguns temperos colhidos no próprio quintal.

Ainda guardamos as lembranças da horta nos fundos de casa: tomate, alface, couve, cheiro-verde, cebolinha, cenoura, trançagem, mamão, goiaba, acerola, alecrim, hortelãzinha...

O corpo inteiro envolvido, em diálogo constante com a cozinha; as idas e vindas que traçavam uma cartografia da existência, como se o quintal fosse uma extensão da própria vida, expandindo-se para além das paredes.

Arquivo Pessoal: Imagem da cena produzida na cozinha de Dona Creuza.

Pega a banha branquinha, produzida em casa a partir do toucinho do porco no preparo dos torresmos, guardada na geladeira dentro de um pote transparente – daqueles que antes traziam biscoitos amanteigados. O som da banha derretendo na panela já quente; o alho macerado no pilão com sal sendo lançado ao óleo. O cheiro envolvente no ar, unh!, o tempo exato para o alho dourar. Esse aroma toma todo o ambiente.

As mãos, com cuidado, colocam o feijão cozido na panela. A fumaça se esvai, brincalhona, enquanto os sabores se entrelaçam, se apuram. É um convite à expansão auditiva e à percepção sensorial: pincelando os saberes pela paisagem, com aromas, movimentos, luzes e sons que tomam o espaço – com as cores. Tudo isso é divino!

Tanto ensinamento em cada movimento: o riso solto, as piadas que contagiam, os olhares, as expressões, o diálogo dos corpos em seu movimento performático. Conhecimento corpóreo re-passado, capturado pelo ver, pelo experivivenciar.

Dona Creuza com sua vivência de luta, entrega, conquistas, dores e saudades. Por ela, (re)criada e (trans)formada em resistência e fortaleza.

Observo o bailar de seus gestos – performando na vida, na cozinha de casa, no quintal da nossa casa – numa composição de elementos e substâncias diversas que nos permite perceber um corpo-tela que traz em si aromas, sabores e temperos. Um corpo-tela que dialoga com a natureza, com o sagrado e com os saberes culinários.

Arquivo pessoal: Imagem produzida na cozinha de Dona Creuza preparando o almoço.

Os cheiros e aromas produzidos criam notas musicais no ar e impregnam nossos sentimentos, (re)criando memórias. Sempre com alegria no cuidar, ela repassa, pelos alimentos e atitudes, seus melhores sentimentos, as melhores energias. É uma ação que evoca, ao pensamento, a relação química, ética e orgânica da performance.

Um ritual que estreia diariamente: um verdadeiro espetáculo orquestrado, onde o “corpo dança o tempo”. Uma belíssima composição entre sentidos e sentimentos, vivos e pulsantes, representados em seu ato performático mais completo, em que:

> o corpo-tela arrebata e dele emanam todos os elementos que o compõem e imantam: a coreografia dos movimentos, as ondas de sonoridade e vocalidade, os vibratos, rítmicas cadências, timbres, selos e sinetes, a composição do ar

> nos voleios das silhuetas e figuras que relampejam, e também os cheiros, os aromas e a química sagrada das ervas e dos temperos. (MARTINS, 2021, p.108).

O tempo e o espaço; os toques; as idas e vindas; o encantamento na e da família; os suportes, amparos e ensinamentos – tudo isso compõe essa fortaleza ancestre que me traz a arte e a magia de minha mãe com as plantas e a preparação dos alimentos.

Os cheiros, o sussurro das cantigas em tom linear e suave, os toques e gestos num ato teatralizado das mãos que bailam entre panelas, folhas, fumaça, água e fogo.

Tanto ensinamento repassado pelo gestual: na sutileza do toque, na vibração da força, no encantamento que sustentou e amparou – e que ainda sustenta, ampara e ensina aos seus. Quantas histórias se inscrevem naquele gestual.

Em novembro de 2023, estávamos a caminho de uma consulta médica no município de Itaperuna-RJ, conduzidas pelo carro da Secretaria Municipal de Saúde de Natividade-RJ. Conversávamos e ríamos muito: eu, minha mãe, tia Hilda (casada com o primo de meu falecido avô materno) e sua neta.

Entre uma risada e outra, minha mãe comenta que não sai muito de casa, que vai mais à Igreja, dizendo ser uma “barata de igreja”. De imediato, tia Hilda me pergunta:

— E você?

Respondo sem hesitar:

— Sou um verdadeiro piolho de macumba. Não perco uma gira.

As risadas se multiplicam, e tia Hilda acrescenta:

— Eu também gosto muito. Muito bom, né, minha fía?

Minha mãe, então, retruca:

— Lá em casa, não se sabe quem é “pior” – no sentido de quem gosta mais de frequentar –, se o piolho de macumba ou a barata de igreja.

Rimos gostosamente, abraçados e acolhidos pela aceitabilidade de nossa fé. Conversávamos livremente, entre, com e para os nossos. Um momento que me conduziu a uma bela reflexão sobre a cosmovisão atravessada por uma perspectiva de acolhimento – espiralar – que se mistura e se adensa a partir das performances experivivenciadas e partilhadas, nas entrelinhas.

O devir registrado, expresso, sentido e percebido entre nós – os mais velhos que trocavam olhares e risos, entregando tudo, inclusive o não dito – permanece vívido na memória. Ainda forte, claro e nítido, como se tivesse acontecido hoje.

IV Ato

Juanice Ferreira Vicente

Arquivo Pessoal: Imagem de Juanice Ferreira em evento realizado no campo de futebol do Quilombo Cruzeirinho.

Nas performances de Juanice junto ao Quilombo Cruzeirinho, há uma atenção integral, um corpo presente, sempre em estado de vigília – atenção plena, atenciosidade. São mãos que riem, risos que celebram a alegria e a espalham; um brilho único no olhar que compactua, cria, compartilha, motiva, incentiva. Um corpo-guia que reflete e dialoga sobre suas buscas, lutas cotidianas e conquistas.

Arquivo Pessoal: imagem do filme produzida na cozinha de Juanice no Quilombo Cruzeirinho, em Natividade-RJ.

Toda a família sobrevivia da produção do campo, plantando a meia com os donos de terras. O produto era dividido, mas sempre com vantagem para os proprietários, enquanto as mãos que orquestravam todo o cuidado e preparo para o plantio eram as dos moradores negros do então Cruzeirinho de Cima.

Nascida e criada na comunidade, desde muito nova aprendeu a lida com a terra e os trabalhos da casa. Percebia, desde cedo, as necessidades que acometiam a todos: a comunidade era muito carente. Não havia água de qualidade para consumo – problema que ainda persiste em nosso território. Era a filha mais velha de Seu Jamiro (hoje ancestral) e Dona Leni, que tiveram ao todo quatro filhos: três mulheres e um homem.

Cinco quilômetros era a distância a ser percorrida até a cidade, para consultas

médicas ou compras no armazém. Todo o trajeto era feito a pé ou, eventualmente, com uma carona no caminhão que passava recolhendo os latões de leite nas porteiras das fazendas. De qualquer forma, o retorno para casa era sempre caminhando.

A escola na comunidade atendia apenas até a quarta série. Era lá que Juanice estudava e passava a maior parte do tempo, assim como as demais crianças do Cruzeirinho. Diante da dificuldade e da carência em que muitos viviam, a escola era o único lugar de sossego, encantamento – e de onde vinha o alimento. Estudava e ajudava na roça sem pestanejar. Boa de foice e de enxada, capinava um quintal como ninguém. E os cuidados com a horta e as plantas? “Vovó dizia que eu tinha uma mão boa pra plantá!”. Os mais antigos sempre dizem que mão boa tem quem tem bom coração.

De fato, um grande coração. Mãe de quatro filhos, sendo a caçula filha de coração, adotada ainda bebê. Sua maior alegria são os cinco netos, que vivem correndo pela casa e pelo terreiro, fazendo a maior bagunça. “Deixa êis corrê. Faz bem, isso é saúde. Daqui a pouco tá tudo caído aí, dormindo de zói aberto.” Já correu muito pela roça, subindo em árvores, mas quase sempre agarrada à sua avó, de quem absorveu seus maiores conhecimentos e entendimentos das ‘coisa do mundo’.

Seu Jorge, seu marido, é parceiro de toda a vida, sempre a apoiando em suas decisões. Enquanto ela, mesmo sem perceber, assumia a posição de liderança comunitária, buscando soluções para amenizar o sofrimento e a falta de reconhecimento da comunidade, ele comandava o lar. Organizava todos os afazeres da casa, trabalhava no campo e cuidava das crianças. O importante era ter alguém que soubesse se impor para falar frente a frente com quem fosse. E esse alguém sempre foi Juanice.

Tempos que expervivenciamos, repletos de dores e alegrias. Buscas por conhecimentos, entrega pessoal e física, diálogos e reflexões que alimentavam a esperança no porvir. Momentos de um discurso afirmativo e empoderado, mas ainda visto como mais um monólogo, uma cena sem audiência – ao menos, sem aquela audiência financeira dos que ‘têm o poder nas mãos’. Ainda assim, permanecem a força e a resiliência, o apoio pessoal que se expande para o comunitário, com o ‘eu toco, afeto e solto’. Um gesto que nos fortalece e inspira na busca por estratégias e

caminhos para alcançar o que é almejado, tanto no individual quanto no coletivo.

Arquivo Pessoal: Cena produzida na cozinha de Juanice para o filme.

Juanice, sempre destemida, não pensou duas vezes antes de embarcar nas formações continuadas, onde estudávamos, dialogávamos e refletíamos sobre ‘construção coletiva’ e ‘participação popular’. Realizávamos os estudos junto à comunidade do Cruzeirinho de Cima, no período noturno, e ela retornava para mais uma etapa de formação, levando os resultados dos trabalhos e aprendizados construídos coletivamente. Mulher que trabalhou no campo, que se empregou em casas de família como doméstica, que se dedicou ao cuidado de idosos – e que, ainda assim, buscava e busca, lutava e luta pela e com a comunidade.

Hoje, Técnica em Enfermagem, atua na Unidade de Saúde localizada no território quilombola. Com seu jeito peculiar de prosa e os olhos sorridentes como um convite à esperança, não temeu aprofundar-se nos estudos e nas leituras de grandes pensadores e filósofos, nem mergulhar nas metodologias freirianas que iluminaram nosso percurso junto ao então chamado Cruzeirinho de Cima. Foi a partir desses estudos e mapeamentos que a comunidade passou a ser descoberta e (re)conhecida como quilombola.

Aos olhos de todos, despertava-se, enfim, uma grande potência local: sempre destemida, empoderada, e com a força e vivacidade que transbordavam em suas palavras.

Ao tocar os trechos que falam das palavras/oralituras, veio-me à lembrança o pedido de Juanice, vice-presidenta da Associação Quilombo Cruzeirinho: que eu reunisse nossos jovens quilombolas numa roda de conversa, para lembrar-lhes que a formação é chave para abrir as portas dos espaços de decisão e das instituições fincadas em nosso território – espaços que, tantas vezes, nos foram arrancados. Era o chamado para que a educação, sobretudo a acadêmica, fosse também arma e abrigo, ferramenta e ponte.

Estar nesse lugar-referência é acender a juventude, é passar adiante, em performance viva, um saber tecido por muitas mãos e vozes. É fazer da palavra a ponte que liga passado, presente e o amanhã que sonhamos. Palavra que dança conforme o fôlego de quem a pronuncia – ora suave como prece, ora firme como tambor – e que, no compasso certo, pode produzir revoluções ou curar silêncios.

V Ato

Nalva Ramos

Arquivo Pessoal: Imagem da Mestra Jongueira Nalva Ramos e sua mãe - nossa matriarca do Jongo – Tia Eva. Ensaio do Grupo Herdeiros d`Maria no quintal de sua casa, no Bairro Cantinho do Fiorello, em Natividade-RJ.

Nas minhas leituras, eu divagava entre o que lia e a minha própria pesquisa, entre as escritas e as experivivências, nutridas pelas confluências que alimentaram e fortaleceram meu aquilombamento – o “chamado”, o sentido de pertencimento a mim mesma, ao espaço e ao grupo. No compasso das cantigas, no gingado e nas danças,

nos pontos de jongo entoados pelo Grupo de Caxambú Herdeiros d'Maria, ecoava a voz firme e doce de nossa mestra jongueira, Nalva Ramos – Nalvinha, como carinhosamente a chamamos.

Nosso encontro aconteceu durante a organização do I Seminário Quilombola, que eu realizaria no Quilombo Cruzeirinho. Convidei Nalvinha para participar. Ao compreender a proposta da atividade, ela se prontificou a ajudar. Explicou que o grupo já não existia mais, mas que, mesmo assim, estaria presente:

"Estou muito feliz com esse convite, até porque também sou cria do Quilombo Cruzeirinho. Meu pai nasceu nessas terras. E vai ser um grande prazer pisar nesse chão e fazer o nosso caxambú."

Ela chamou mais três jovens para se juntar a ela e contou que não possuíam atabaque. Disse que tentaria com Mãe Claudiléia a possibilidade de emprestar um:

"Vou ver com os guias se podemos pegar emprestado, já que é o Ogã do nosso terreiro quem vai tocar o atabaque."

E assim foi: conseguiu os atabaques emprestados e se apresentou no I Seminário Quilombola do Cruzeirinho.

Dançamos. Era o primeiro contato da comunidade com a dança de caxambú. Olhares curiosos se voltavam para a vestimenta e para a maneira de dançar, especialmente porque a maioria dos moradores era formada por evangélicos. Ainda assim, era nítido o brilho nos olhos diante do rodar e do revoar das saias no gingado das jongueiras. A apresentação foi um sucesso, espalhando uma alegria que encheu nossos corações.

Fui convidada a entrar na roda. Sem conhecer a performance, me aventurei: tirei rapidamente os sapatos, dobrei a barra da calça e me lancei na dança. O caxambú, dançado descalços no chão de nosso quilombo, fez pulsar em mim a força da terra de nossos antepassados. Ao final, a roda se desfez em conversas e curiosidades: queriam saber mais sobre o caxambú, sobre a forma de dançar, sobre as músicas entoadas – e também sobre o motivo de não serem mais um grupo.

Na semana seguinte, realizávamos, no Bairro Cantinho do Fiorelo, no Terreiro "Vovó Maria Barra Preta", a reunião de fundação do Grupo de Caxambú Herdeiros D'Maria. A ancestralidade sempre presente, apontando caminhos quando buscamos,

de fato, caminhar – especialmente junto aos nossos, com a nossa comunidade. O nome do grupo, Maria, surgiu da casa de Vovó Maria, assim como esta pesquisa, nascida na e pela Umbanda. Nalvinha contou que o nome é uma homenagem à matriarca do grupo, sua avó.

Há alguns anos, sua família – formada pela maioria dos integrantes do grupo, incluindo mãe, primos, irmãos, sobrinhos e tios – apresentava o Caxambú representando o município de Porciúncula-RJ, bem próximo a Natividade. Um ônibus saía da cidade vizinha duas vezes por semana para buscar os integrantes em nossa cidade e levá-los aos ensaios e atividades culturais, representando a cultura daquele município. Naquele tempo, a gestão pública local não prestava o apoio necessário para valorizar e dar visibilidade aos nossos fazedores de cultura. Assim, nosso jongo era reconhecido e divulgado não como patrimônio nosso, mas como pertencente a outra localidade.

Foi em uma dessas apresentações, na praça de Porciúncula, que Maria desencantou. Passou mal durante a dança e faleceu, fazendo o que mais amava: dançar e entoar as cantigas aos nossos guias e Orixás. A partir daquele momento, o grupo deixou de se apresentar, também por ter perdido o incentivo que recebia daquela cidade.

A homenagem à matriarca é também um tributo à sua herança: as cantigas e o modo de dançar característico de nosso grupo, a “mancadinha” – em que os jongueiros dançam como se tivessem um dos calcanhares machucado, marcando o compasso ao ritmo dos atabaques. Desde então, o grupo foi instituído e estruturado, chegando ao número de quarenta integrantes, entre crianças, jovens, adultos e idosos. Jongamos juntos nas apresentações para o fortalecimento e a divulgação de nossa cultura. Nossa prática diária toca, afeta e solta, inspirando ações que reverberam nos sujeitos e nos territórios.

Nossa Mestra respira e transpira cultura. Desde criança, entoa os cantos e vive as tradições de nossa comunidade.

Compreendo que, para ser uma Mestra jongueira, é preciso algo que vai além da técnica – um fluxo que nasce de dentro, que impulsiona e conecta, e que nunca é obra do acaso.

Mesmo os mais jovens mestres carregam consigo os cuidados e os ensinamentos recebidos dos mais velhos. Trata-se de uma herança ancestral transmitida com zelo. Receber o mestrado do Jongo, especialmente pelas mãos de seu pai, Seu Joaquim – grande mestre jongueiro, mestre de folia de reis e fazedor cultural reconhecido em diversas regiões do estado do Rio de Janeiro e na Zona da Mata de Minas Gerais – é um ato de grande valor simbólico e afetivo.

Foi o Mestre Joaquim Ramos quem, com sabedoria, dedicação, amor e respeito pela ancestralidade, transmitiu-lhe seus saberes. É uma família inteiramente cultural, dotada de grande força mobilizadora. Estão presentes em múltiplos espaços: na fé e nos axés sempre vivos; no rodopio e no bailado das saias, com os passos e contrapassos peculiares do Caxambú; no batuque e no molejo do samba nos blocos carnavalescos; ou ainda nas latas e vasilhames reciclados que, nas mãos das crianças de projetos sociais, se transformam em instrumentos.

Após a estruturação do Grupo de Caxambú, iniciou-se a busca por parcerias. Os ensaios passaram a ocorrer às terças e quintas-feiras à noite, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), no Cantinho do Fiorelo. Esses encontros eram momentos de intensa alegria e aprendizado. Nossa Mestra conduzia, Mãe Claudiléia participava da roda, e Nalvinha, com sua voz imponente, cantava e, ao mesmo tempo, repreendia os que se dispersavam: “Aqui não é brincadeira”. E, diante dessas palavras, todos paravam, escutavam e respeitavam.

Muitos acontecimentos marcaram nossos encontros semanais. Um deles foi o dia em que Mestre Joaquim chegou de surpresa e fez uma homenagem à Nalva, reconhecendo sua coragem e persistência em levar a bandeira do nosso jongo para o mundo, mantendo vivas as raízes e tradições herdadas. Naquele momento, apresentou ao grupo a cantiga que compôs em memória de nossa matriarca Maria: *“Tambor chorou que retiniu, tô com saudades de alguém que já partiu...”* – e, no refrão, capaz de arrepiar a todos, cantamos e dançamos juntos, cheios de emoção: *“Ave Maria, cheia de graça. Quem faz na terra, no céu se acha.”* Foi impossível conter as lágrimas. Essa cantiga tornou-se a principal do nosso grupo.

Houve também dias de tristeza e tensão, como quando um grupo de policiais armados com fuzis entrou no local de ensaio para revistar jovens negros que

participavam. Ao perceber a situação, fui ao encontro deles, pois eu era a responsável por abrir e fechar o espaço. Nalva, interrompendo imediatamente o ensaio, partiu para um debate firme em defesa de nossa gente. Naquele período, o bairro atravessava um momento de intensa violência, somada a outras vulnerabilidades que nos atingiam. Para Nalva, a cultura é um pilar na transformação da realidade local, capaz de mobilizar e envolver toda a comunidade nas ações e atividades que promove.

Hoje, casada e feliz com a chegada do caçula Miguel, Nalva segue cultivando essa força. Eloá, a primogênita, desde cedo integra os movimentos culturais – já dançava ao som dos atabaques quando ainda estava no ventre da mãe. Antes, como mãe solo, encontrou nessa condição a força necessária para ampliar suas lutas e abrir novos caminhos, criando oportunidades para todo o território.

E assim segue o bailado contagiante e envolvente dos *Herdeiros d'Maria* – um rodopio de sorrisos e corações, movido por passos circulares e pela energia viva que pulsa no grupo.

Arquivo Pessoal: Imagem do Grupo de Caxambú “Herdeiros d`Maria” durante apresentação em evento cultural na praça Maria Altina, no Bairro Balneário em Natividade-RJ, em junho de 2025.

Na abordagem da memória africana transladada para as Américas pelas diásporas “circum-atlânticas” – memória que carrega valores, saberes e modos de viver reimplantados, refundados e reterritorializados –, recordo-me da força de Nalvinha na manutenção e afirmação das rodas de jongo, sendo ela mesma um corpo-horizonte que se aponta no aqui e agora.

O som dos atabaques ressoa. Formamo-nos em semicírculo. Homens de branco, calça pescador; mulheres com saias coloridas. Todos descalços, alguns trazendo ao peito as guias de santo. Ao lado dos três atabaques, de pé, a matriarca do grupo: a mestra que inicia a cantiga que saúda Orixás e ancestrais:

“Eu vou abrir meu congo ê, eu vou abrir meu congo a. Primeiro eu peço a licença à rainha lá do mar, pra saudar a povaria, eu vou abrir meu congo a.”

Enquanto cantamos, cada dançarino, um a um, se aproxima para reverenciar os tambores – sinal de respeito e reverência à ancestralidade – e abraça a matriarca. Nas cantigas, narramos vivências de nossos ancestrais. Corpos em sintonia bailam no ar e

inscrevem histórias no chão. O giro sobre o próprio eixo, as saias esvoaçantes que alçam voos circulares, os corpos em suas performances – no compasso singular de cada um – seguem o ritmo do som e do movimento, brincando no tempo-espaço de forma encantadora, contagiante, ritualística.

É um ambiente contrastado por memórias, onde um amplo repertório de técnicas, ações, procedimentos e padrões se restitui, (re)cria e se reinventa na expressividade do corpo-horizonte – existencial, não prospectivo, mas enraizado na continuidade viva da tradição.

VI Ato

Filme:

Aquilombamento: tocar, afetar e soltar.

https://drive.google.com/file/d/1Il7tLZFwDFWIV0YvUMxFKY8qySyFwD3a/view?usp=sharing

Primeiro, quero, pela arte, fabular minha escrita. Aqui, não busco interpretar o curta-metragem – mas deixar que ele me atravesse. Quero o efeito que se instala e se expande em nós, permitindo-nos (re)conhecer a rede de confluências e afetações que se tecem e se refazem nos corpos, em seus devires performáticos, no singular e no coletivo.

O que me interessa é acessar os acontecimentos experivivenciados. Ler e escutar os corpos em seus territórios. Corpos que se fazem epistemologias, que escrevem no chão e no ar a memória de seus passos.

Na tela, as cenas surgem como ondas – e o curta-metragem, produzido como dado vivo desta pesquisa, oferece ao mundo a beleza única dos nossos corpos femininos e negros: o movimento espiralar, as criações inventadas no instante, o sorriso que acolhe, o olhar que empurra para frente, o abraço que sustenta a força e a esperança.

O filme *Aquilombamento: tocar, afetar e soltar. (Re)começo e proliferação* é testemunho e canto. Retrata o aquilombamento e a grandeza poética dos nossos corpos epistêmicos, que carregam na alma saberes, práticas e conhecimentos transatlânticos. Traz, também, a vitalidade e a magnitude do feminino, onde o gesto é raiz e é voo.

Sendo uma pesquisadora negra, coloco na tela o meu próprio aquilombamento. A busca, o encontro, a escuta das raízes e verdades antes silenciadas. Um corpo-tela que se faz espiritual, social, cultural, político. Um corpo-tela pronto para ser inscrito, fortalecido pelas heranças e saberes que o atravessam.

Os afetos, inscritos em imagem-corpo, expandem as possibilidades de agir. Mente e corpo, juntos, no mesmo compasso. Pelo afeto, nos reconhecemos. Pelo afeto, reconhecemos o outro. Nos (trans)formamos com e a partir dos afetos que

tocam, afetam, soltam.

É um corpo afetado por mulheres negras que são faróis nesse caminho. Corpos que se operam em imagens e sons para enunciar um corpo-tela que dança entre o visível e o indizível.

Trazendo à tona a potencialidade dessas três mulheres que desafiaram o silêncio e a invisibilidade impostos pelo colonialismo, elas e seus semelhantes se (re)configuram, conquistando identidades, ocupando lugares e espaços de visibilidade, e produzindo territórios. As imagens são escritas nas telas, nos movimentos bailarinos, na energia e vivacidade que compõem esses corpos-tela. Escrevem outras histórias: afetando, confluindo, (in)formando, bailando, transformando e proliferando através de suas performances.

A Mestra Jongueira Nalva Ramos, em seu corpo horizonte. A líder do Quilombo Cruzeirinho, Juanice Ferreira, em seu corpo guia. Minha mãe, Crezolina Andrade, um corpo útero. Mulheres que se expressam em suas “corporeidade[s] de *inputs* e *outputs*” (MARTINS, 2023, p.17).

Nosso povo perfura o silêncio e se revela em evidência. Produzir o filme é visibilizar nossa história, cultura e tradições comunitárias, exercendo papel fundamental no fortalecimento de nossas raízes e na construção de uma identidade cultural positiva para nossas crianças e jovens. Sejam pretos, pardos, quilombolas ou povos originários, o filme possibilita o autorreconhecimento em suas subjetividades e o sentimento de pertencimento, pois “A terra é o meu quilombo. Meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.” (NASCIMENTO, 2018, p. 38).

Além disso, busca-se provocar uma mudança na configuração dessa paisagem simbólica, desconstruindo os conceitos pré-existentes impostos pela visão colonizadora e catequizadora sobre os corpos. Assim, o filme se torna um instrumento de referência visual, estética e social da nossa cultura afro-pindorâmica, da cultura afronatividadense, a ser compartilhada e difundida para além dos limites do nosso território municipal – uma ideia que nasce de minhas experivivências e das práticas cotidianas no Quilombo Cruzeirinho.

Falar desse percurso é narrar um depoimento sobre a trajetória religiosa, estética e social do corpo negro.

Esta é nossa luta cotidiana. Assim é nossa vida: buscando, à nossa maneira, meios para nos tornarmos cada dia mais visíveis, mesmo quando insistem em nos manter silenciados. Jamais calaremos nossa voz. Nosso corpo também expressa, grita, ri, chora e luta. Nos manifestamos com todo o nosso ser, visceralmente, com a alma!

Entendo que esse retorno ao quilombo nos conecta de forma profunda – uma conexão de alma, epidérmica, afetiva e familiar – que fortalece, instiga e contribui para romper a invisibilidade social imposta. Nessa invisibilidade, o negro tem suas epistemes, corporeidade e oralidade subjulgadas, mas urgem por sua apresentação ao mundo.

Nesse sentido, a produção do filme é uma forma de dar visibilidade e sistematizar o conhecimento ancestral presente nos caminhos da construção do aquilombamento, do seu quilombo particular, fortalecendo a identidade dos sujeitos e integrantes dos diversos quilombos sociais existentes. Sob essa perspectiva, afirmo que “é sempre um recomeço, uma nova entrada, uma outra saída, uma reverberação, uma confluência e proliferação.” (MARTINS, 2021, p. 16-17).

Em consonância com Leda Maria Martins, ao nos colocarmos em cena, fazemos mais do que um ato poético: é um ato político, que transcende o estético, é ético, além de artístico – um ser conceitual. Corpos pretos produzindo pensamentos, afirmando um posicionamento político, tornando-se *corpos-arquivo* (GONDIM, 2025).

É nesse meio e local que são atualizados e reorganizados amplos repertórios, desenvolvendo e mantendo, por meio das práticas performáticas, as epistemes, retransmitindo os saberes afrodiaspóricos.

VII Ato
(ORÍ)entação e luz no percurso

EVARISTO, Conceição. *1946 – Becos da memória / Conceição Evaristo*. – 3. ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. *Olhos d'água / Conceição Evaristo*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

_____. *Canção para ninar menino grande / Conceição Evaristo.* – 2. ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas.* Salvador: EdUfba, 2008.

GONDIM, Diego de Matos*. Manifesto Quilombola: desta terra, para esta terra.* Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática. Rio Claro –SP, 2021.

GONDIM, Diego de Matos. *Corpo-arquivo: o devir-quilomba como expressão da memória. Arte & Ensaios*, [S.l.], 2025. (no prelo).

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: história íntima de meninas negras, desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais / Saidiya Hartman* ; tradução floresta. – São Paulo: Fósforo, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo / Ailton Krenak.* – 2ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. *Futuro ancestral / Ailton Krenak.* 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MONTEZUMA, Rita de Cássia (Org.). *Colóquio Transnacional Geografias Negras: insurgências, transculturalidades e perspectivas.* Rio de Janeiro, Paisagens Híbridas, 2023.

MARTINS, Leda Maria. *A Cena em Sombras / Leda Maria Martins; prefácio Laura Cavalcante Padilha*. – [2. ed., ver.]. – São Paulo: Perspectiva, 2023. 232 p.; 21 cm.

_____. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá / Leda Maria Martins.* – 2. ed, ver. E atual. – São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte [MG] : Mazza Edições, 2021. 256 p. : il. ; 21 cm. (Perspectiva)

_____. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela / Leda Maria Martins.* – 1. ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 256 p.; 21 cm. (Encruzilhada)

NASCIMENTO, Maria Beatriz. 1942-1945. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Maria Nascimento.* Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 488 pgs. 1ª edição.

PEREIRA, Amílcar Araújo. "*O mundo negro": relações raciais e a constituição do negro contemporâneo no Brasil / Amílcar Araújo Pereira.* – Rio de Janeiro: Pallas: FAPERJ, 2013.

_____. *Narrativas de re(existência): antirracismo, história e educação / organização: Amílcar Araújo Pereira.* – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS: Modos e Significações.* Ed.02. Editora: AYÔ. ISBN: 978-85-94043-00-9. Brasília, 2019.

_____. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu/PISEAGRAMA, 2024.